O TARTUFO

(Le Tartuffe)

Molière

(Jean-Baptiste Poquelin)

Personagens:

SENHORA PERNELLE, Mãe de Orgon

ORGON, marido de Elmire

ELMIRE, mulher de Orgon

DAMIS, filho de Orgon

MARIANE,filha de Orgon e apaixonada de Valère

VALÈRE, apaixonado de Mariane

CLÉANTE, cunhado de Orgon

TARTUFO, (2) falso devoto

DORINE, dama de companhia de Mariane

O SENHOR LOYAL, sargento

FLIPOTE, criada da senhora Pernelle

A cena se passa em Paris.

ATO I

Cena I

A Senhora Pernelle e Flipote, (3) sua criada, Elmire, Mariane, Dorine, (4) Damis, Cléante.

SENHORA PERNELLE

Vamos, Flipote, vamos, quero livrar-me deles.

ELMIRE

A senhora anda tão depressa que mal posso acompanhá-la.

SENHORA PERNELLE

Deixe, minha nora, deixe-me, não continue: de cerimônias é que não tenho necessidade.

ELMIRE

Estou somente pagando o que lhe devo. Mas, minha mãe, que motivo a fez deixar esta casa tão depressa?

SENHORA PERNELLE

É que não suporto mais isso. Ninguém se preocupa em agradar-me. È isso mesmo, deixo sua casa escandalizada: contrariam-me em todas as observações, não respeitam nada, cada qual fala mais alto; parece até a casa da sogra!

DORINE

Se...

SENHORA PERNELLE

Você minha cara, é uma dama de companhia (5) bastante impertinente e tem a língua um tanto solta: quer dar opinião em tudo.

DAMIS

Mas...

SENHORA PERNELLE

Você é um tolo perfeito, sou eu mesma quem lho diz, eu que sou sua avó; e já disse cem vezes ao meu filho, seu pai, que você está tomando ares desavergonhados e predisse que só haveria de lhe causar desgostos.

MARIANE

Eu acho...

SENHORA PERNELLE

Deus meu, como irmã dele, você finge a discreta e com essa aparente doçura é incapaz de ferir alguém; mas não há, como dizem, água pior do que a água parada e você leva às escondidas uma vida que não tolero.

ELMIRE

Mas, minha mãe...

SENHORA PERNELLE

Minha nora, não me leve a mal, mas seu comportamento é péssimo, em tudo; você deveria pôr-lhes um bom exemplo diante dos olhos; a defunta mãe deles (6) agia muito melhor. Você é gastadeira; e esse estadão (7) me choca; não posso vê-la vestida como se fosse uma princesa. Aquela que só quer agradar ao marido, minha nora, não necessita de tantos atavios.

CLÉANTE

Mas, senhora, afinal de contas...

SENHORA PERNELLE

Quanto ao senhor seu irmão, eu o aprecio muito, estimo-o e reverencio-o; mas enfim, se eu fosse meu filho, seu esposo, lhe pediria, com insistência, que não pusesse mais os pés em nossa casa. O senhor nos importuna, sem cessar, com certas máximas de bem viver, que gente honesta não deveria nunca seguir. Falo-lhe com certa franqueza; mas esse é o meu feitio e não meço minhas palavras para dizer o que me vai na alma.

DAMIS

O tal senhor Tartufo é bem feliz, sem dúvida...

SENHORA PERNELLE

É um homem de bem, que deve escutar; e não posso admitir, sem ficar irritada, que um maluco como você se meta a criticá-lo.

DAMIS

O quê? Como admitiria eu que um crítico beato viesse exercer aqui dentro um poder tirânico, e, além disso, que não pudéssemos nos divertir como bem quiséssemos, caso esse grão-senhor não nos permitisse?

DORINE

Se tivermos de escutá-lo e seguir-lhe as máximas, nada se pode fazer sem que se cometam crimes, pois esse crítico zeloso se mete a controlar tudo.

SENHORA PERNELLE

E tudo o que controla está muito com controlado. É ao caminho do Céu que pretende conduzi-los e meu filho devia induzir a amá-lo.

DAMIS

Ora, vamos, minha mãe, não há pai e nem ninguém que possa obrigar-me a querer bem a esse sujeito; trairia meus sentimentos, se falasse de outro modo; a todo momento fico encolerizado com sua maneira de agir e estou prevendo que a coisa não ficará por aí; e sei que vou ter que me haver com um grosseirão como esse.

DORINE

É verdade, é coisa que escandaliza ver um desconhecido dar-se ares de patrão aqui dentro; um miserável que, quando chegou aqui, nem mesmo sapatos tinha e cuja roupa não valia seis vinténs; imagine chegar ao ponto de não reconhecer o que é, ser do contra em tudo e bancar o senhor.

SENHORA PERNELLE

Que Deus tenha piedade de mim. Tudo iria muito melhor se tudo fosse governado por suas piedosas ordens.

DORINE

Na sua imaginação passa por santo, mas, acredite-me, toda a sua maneira de ser não passa de hipocrisia.

SENHORA PERNELLE

Veja só que língua!

DORINE

Só confiaria nele e no tal Laurent com uma boa garantia.

SENHORA PERNELLE

Ignoro, no fundo, o que o criado possa ser; mas homem de bem garanto que o patrão o é. Vocês lhe querem mal e o repelem só porque ele diz a verdade a todos vocês. O coração se lhe irrita contra o pecado, e o que o guia é somente o interesse do Céu.

DORINE

Está bem. Mas por que, principalmente de certo tempo para cá, não quer mais tolerar que ninguém freqüente a casa? No que pode oferecer ao Céu uma visita honesta, para ele fazer um barulho que nos arrebenta os miolos? Querem que eu me explique a esse respeito cá entre nós? Acho que ele tem ciúmes da senhora.

SENHORA PERNELLE

Cale-se e pense no que está dizendo. Não é ele somente quem reprova tais visitas. Todo o rebuliço que acompanha essa gente que vocês freqüentam, as carruagens continuamente paradas diante da porta, e o aglomerado barulhento de tantos lacaios, fazem um vozerio bastante incômodo, para toda a vizinhança. Quero crer que no fundo não há nada de mais, mas afinal de contas falam, e isso não fica bem.

CLÉANTE

Ora essa, senhora, quer impedir que se converse? Seria muito desagradável se, na vida, tivéssemos de renunciar aos melhores amigos por causa dos tolos falatórios em que a gente pode ficar envolvida. E, ainda mesmo que se pudesse conseguir isso, a senhora pensa que se poderia obrigar todo o mundo a calar-se? Não há como garantir-se contra calúnia. Não nos preocupemos com os mexericos tolos; esforcemo-nos por viver em completa inocência, dando aos faladores plana liberdade.

DORINE

Não será Daphné e o maridinho dela que falam mal de nós? Aqueles cuja conduta mais se presta ao ridículo são sempre os que se metem a falar mal dos outros. Estão sempre prontos a observar o mais leve indício de simpatia para com alguém, espalham a notícia com o maior açodamento, desvirtuando as coisas ao

seu talante e apresentando-as como querem que sejam vistas. Julgam poder justificar as próprias ações neste mundo, dando às dos outros o colorido que lhes convêm, e procuram inocentar as próprias intrigas com a ilusória esperança de parecerem íntegros; ou então fazer recair alhures algumas migalhas esparsas dessa reprovação pública, que os sobrecarrega em demasia.

SENHORA PERNELLE

Todos esses raciocínios nada têm a ver com o assunto. Todos sabem que Orante leva vida exemplar. Todos os seus cuidados convergem para o Céu; e eu soube, por certas pessoas, que ela condena extremamente a vida que se leva nesta casa.

DORINE

O exemplo é admirável e esta dama é boa! É verdade que vive como pessoa austera, mas foi a idade que lhe meteu na alma esse zelo ardente e sabe-se que é pudica contra a própria vontade. Enquanto pôde atrair as homenagens de muitos corações, gozou de todas as vantagens de que dispunha; vendo, porém, diminuir o brilho de seus olhos, propõe-se renunciar ao mundo que a abandona, mascarando a debilidade de seus atrativos já gastos com o véu pomposo de uma grande sabedoria. São essas as vicissitudes das coquetes do tempo. Para elas é duro ver os galantes baterem em retirada. Em tal abandono, a sombria inquietação não lhes concede outro recurso senão o de representar o papel de mulher pudica; e a severidade dessas mulheres de bem tudo censura e nada perdoa; censuram acerbamente a vida de qualquer um, não por caridade, mas impelidas pela inveja, que não poderia permitir que outra gozasse dos prazeres, cujos desejos o declínio da idade já extinguiu. (8)

SENHORA PERNELLE

Aí estão os contos da carochinha em que você se compraz. Minha nora, a gente em sua casa sente-se obrigada a calar a boca, pois a dona não se cansa de tagarelar o dia inteiro. Mas, afinal de contas, também pretendo discorrer por minha vez. Devo dizer-lhe que meu filho não fez nada de mais sensato do que recolher na própria casa tão devoto personagem; que o Céu aqui o enviou, por necessidade, para conduzir ao bom caminho o espírito transviado de todos; vocês devem ouvi-lo para a própria salvação e ele nada censura que não se deva censurar. Estas visitas, estes bailes, estas conversas são invenções do espírito maligno. Nunca se ouvem palavras piedosas; são assuntos ociosos, canções e frioleiras; quase sempre o próximo é o mais visado e lá se fala mal de um terceiro tanto quanto de um quarto. Enfim, as pessoas sensatas ficam até tontas com a confusão dessas reuniões. Num abrir e fechar de olhos, lá se fazem mil mexericos. E como outro dia disse muito bem um doutor, é verdadeiramente a torre de Babel, todo o mundo tagarela a propósito de tudo e para contar a história a que o levou essa ques-

tão... (9) Mas não é que aquele senhor já está rindo com ar de mofa! Procure outros palhaços que o façam rir. E sem mais... Adeus, minha nora; não quero dizer mais nada. Fiquem sabendo que reduzirei à metade minhas visitas a esta casa e decorrerá bom tempo antes que aqui ponha os pés novamente. *(Dando uma bofetada em Flipote)* Vamos, você com esse ar embasbacado, aí, sonhando! Por Deus! Hei de dar-lhe uma lição. Vamos, porcalhona, ande.

Cena II

Cléante, Dorine

CLÉANTE

Não quero ir lá, receio que ela ainda venha a brigar comigo. Esta velha... (10)

DORINE

Ah! Decerto, é pena que ela não o ouça fazer uso de tal linguagem. Dir-lhe-ia que o acha engraçado e que não tem idade para merecer semelhante tratamento.

CLÉANTE

Como se aborreceu conosco por um nada! E como parece enfeitiçada por seu Tartufo!

DORINE

Oh! Para falar a verdade, tudo isso nada é em comparação com o filho, se o tivesse visto, o senhor diria: é bem pior! Tinham-no em conta de homem sensato pela coragem que demonstrou servindo o príncipe; mas ficou como que embotado desde que se lhe meteu na cabeça o tal Tartufo; (11) chama-o de irmão, e dedica-lhe maior estima do que ao filho, filha ou mulher. É, dos seus segredos, o único confidente e o diretor prudente de todos os seus atos; anima-o, abraça-o, e creio que por uma amante, não se teria mais ternura; quer vê-lo sentado à mesa no lugar mais importante; é com prazer que o vê comer por seis pessoas; os melhores pedaços obriga-nos a ceder-lhe e se dá um arroto diz-lhe: “Deus o ajude!” Enfim, está doido por ele; é o seu tudo, seu herói; admira-o a propósito de tudo, cita-o em todas as ocasiões; parecem-lhe milagres seus atos mais insignificantes e todas as palavras por ele pronunciadas são o mesmo que oráculos. O tal, que conhece bem sua vitima e que dela quer aproveitar-se, possui a arte de ofuscá-la com falsas aparências; com as suas beatices arranca-lhe dinheiro a todo instante e critica-nos a todos como igual. Até mesmo o tal bobão que lhe serve de criado mete-se a dar-nos lições; com olhares terríveis vem fazer-nos sermões e joga fora as nossas fitas, nosso ruge e nossas moscas. No outro dia, o traidor rasgou com as próprias mãos um lenço (12) que achou num volume de *Fleur dês Saints* (13) dizendo que misturávamos, - oh crime hediondo! – adornos do diabo com a santidade.

Cena III

Elmire, Mariane, Damis, Cléante, Dorine

ELMIRE

Você deve dar-se por feliz por não ter chegado enquanto ela nos fazia um sermão na porta da rua. Mas vi meu marido! Como ele não me viu, quero ir para cima esperá-lo. (14)

CLÉANTE

Quanto a mim, espero-o aqui, pois não pretendo divertir-me tanto e vou somente dar-lhe bom dia.

DAMIS

Diga-lhe alguma coisa acerca do casamento de minha irmã. Suspeito que Tartufo se opõe à sua realização, e obriga meu pai a dar grandes rodeios; e você não ignora o interesse que tenho nesse caso. Se o mesmo amor inflama minha irmã e Valère, você bem sabe que a irmã desse amigo me é cara; e se fosse preciso...

DORINE

Lá vem ele.

Cena IV (15)

Orgon, Cleante, Dorine

ORGON

Ah! Meu irmão, bom dia.

CLÉANTE

Já estava de saída e alegro-me em vê-lo de volta. Nessa época, os campos não estão muito floridos.

ORGON

Dorine... Meu cunhado, esperem por favor: para me aliviar a preocupação, deixem que me informe das novidades da casa. Nesses dois dias como foi tudo por aqui? Que é que fizeram? Como vão todos?

DORINE

A senhora anteontem teve febre até de tarde com uma dor de cabeça difícil de conceber.

ORGON

E Tartufo?

DORINE

Tartufo? Passa admiravelmente. Gordo e corpulento, tez viçosa e boca vermelha.

ORGON

Pobre homem!

DORINE

À tarde, ela ficou muito enjoada e, no jantar, nada pôde provar, tão forte a dor de cabeça que ainda a atacava.

ORGON

E Tartufo?

DORINE

Ceou, sozinho diante dela, devorando, mui devotamente, duas perdizes e meio guisado de perna de carneiro.

ORGON

Pobre homem!

DORINE

Ela passou a noite inteira sem poder pregar olho; uns calores que sentia impediram-na de cochilar e foi preciso ficar perto dela até o amanhecer.

ORGON

E Tartufo?

DORINE

Ao sair da mesa, impelido por agradável sono, passou para o quarto e meteu-se logo na cama bem quente, onde, sem se mexer, dormiu até o dia seguinte.

ORGON

Pobre homem!

DORINE

Afinal, convencida pelo que dissemos, ela resolveu permitir a sangria, o que a aliviou.

ORGON

E Tartufo?

DORINE

Recobrou coragem como convém, e fortificando a alma contra todos os males, para compensar o sangue que a senhora perdeu, bebeu, no almoço, quatro bons copos de vinho.

ORGON

Pobre homem! (16)

DORINE

Enfim, ambos gozam de boa saúde; e vou antecipadamente anunciar à senhora, o interesse que demonstra pela sua convalescença.

Cena V

Orgon, Cléante

CLÉANTE

Meu irmão, ela rir de você no seu nariz; e sem pretender irritá-lo, devo dizer-lhe com toda franqueza, que o faz com justiça. Já se ouviu falar do capricho semelhante? E pode-se hoje em dia conceber que um homem tenha tal encanto que o faça esquecer tudo o mais, e que depois de ter ele remediado, em sua casa, a própria miséria, você chegue ao ponto de...

ORGON

Alto lá! Meu cunhado: você não conhece o homem de quem fala.

CLÉANTE

Não conheço, se assim o quer; mas, enfim, para saber que espécie de homem pode ser...

ORGON

Meu irmão, você ficaria encantado se o conhecesse e seu encantamento nunca mais acabaria. É um homem... que... ah! um homem... enfim um homem! (17) que age conforme fala, goza de paz profunda e como que da estrumeira (18) olha para todo o mundo. Sinto-me outro depois que converso com ele. Ele me ensina a não ter afeição por nada e afasta minha alma de todas as amizades; e eu veria morrer irmão, filhos, mãe, esposa, sem me preocupar a mínima com isto.

CLÉANTE

Que sentimentos humanos, meu irmão!

ORGON

Ah! se você tivesse visto como o encontrei, passaria a mostrar-lhe a mesma amizade que lhe dedico. Vinha diariamente à igreja, com ar submisso, bem à minha frente, pôr-se de joelhos. Chamava a atenção de todos pelo ardor com que dirigia ao Céu suas preces; suspirava com enormes transportes e beijava humildemente o chão a todo instante; e quando eu saía, passava-me depressa à frente para me oferecer água benta. Tomando conhecimento, pelo criado que em tudo o imitava, da indigência em que vivia e sabedor do tipo de pessoa que ele era, eu dava-lhe donativos; mas, com modéstia, pretendia sempre devolver-me uma parte. “É demais, dizia-me, mesmo a metade è demasiado; não mereço que se compadeça de mim”. E quando eu recusava receber de volta a metade, na minha presença

distribuía-a aos pobres. Enfim, o Céu fez com que eu o trouxesse para casa, e desde então aqui tudo parece prosperar. Veja que tudo ele censura e toma, para minha honra, interesse extremo, mesmo por minha mulher; avisa-me acerca das pessoas que lhe lançam olhares doces (19) e se mostra seis vezes mais ciumento do que eu mesmo. Mas você não poderia acreditar até onde vai seu zelo; para ele é pecado a menor bagatela; um quase nada é suficiente para escandalizá-lo; outro dia, chegou ao ponto de acusar-se de ter apanhado uma pulga enquanto rezava e de tê-la matado com cólera exagerada. (20)

CLÉANTE

Com os diabos! Você está louco, meu irmão. Está zombando de mim com tais histórias? E que pretende você com todos esses gracejos?

ORGON

Meu irmão, esse discurso cheira a libertinagem: você está corrompido e, como lhe mostrei mais de dez vezes, ainda vai arranjar complicação.

CLÉANTE

É assim que se exprimem os de sua laia: querem que todos fiquem cegos como eles. É ser libertino ter olhos que enxerguem; e quem não adora vãs simulações não tem respeito nem fé pelo que é sagrado. Ora bolas! Todos os seus discursos não me metem medo: sei como falo e o Céu vê meu coração, e de todos esses amaneirados, não me considero escravo. Acontece com os falsos devotos o que se dá com os falsos bravos; como não vê aonde a honra os leva, os bravos verdadeiros não são os que fazem muito barulho, nem os devotos bons e verdadeiros, cujas pegadas devem ser seguidas, são os que fazem tanto alarde. Mas como? Você não fará qualquer distinção entre a hipocrisia e a devoção? Você trata a ambas com a mesma linguagem e presta as mesmas honras à máscara e ao rosto, iguala o artifício à sinceridade, confunde a aparência com a verdade, estima a sombra tanto quanto a pessoa e o dinheiro falso tanto quanto o verdadeiro? Estranha é a maioria dos homens! Nunca são vistos em suas justas proporções; a razão para eles tem limites muito estreitos; ultrapassam esses limites e cada instante e o que há de mais nobre estragam-no muitas vezes por quererem exagerá-lo e levá-lo muito avante. Que isso lhe seja dito de passagem, meu cunhado.

ORGON

Sim, sem dúvida, você é um doutor que merece ser reverenciado; todo o saber do mundo concentrou-se em você. Você é o único sábio, o único esclarecido, um oráculo, um Catão no século em que vivemos. E, perto de você, todos os homens são uns tolos.

CLÉANTE

Meu irmão, não me julgo um doutor reverenciado, nem todo o saber do mundo concentrou-se em mim. Mas, em uma palavra, sei que toda a minha ciência consiste em distinguir o falso do verdadeiro. E como não conheço nenhuma espécie de herói que mereça mais louvor do que os devotos perfeitos, e que nada no mundo existe de mais nobre e mais belo que o santo fervor de zelo verdadeiro, assim também não sei de nada que seja mais odioso do que a aparência emplastrada de um zelo especioso, do que esses rematados charlatões, do que esses devotos de praça pública, (21) cuja carantonha sacrílega e enganadora ilude impunemente e zomba à vontade daquilo que os mortais têm de mais santo e sagrado; essas pessoas, por terem a alma submissa aos interesses, fazem da devoção profissão e mercadoria, pretendendo adquirir crédito e dignidade às custas de falsas piscadelas e entusiasmos dissimulados; essas pessoas, afirmo, que se vêem correr, com ardor pouco comum, ao encalço da fortuna pelo caminho do Céu, que, ardente e suplicantes, rezam diariamente e pregam o retiro no meio da própria corte, que sabem acomodar o zelo aos vícios, são espertas, vingativas, sem fé, cheias de artifício e, para perder alguém, mascaram insolentemente o orgulhoso ressentimento são tantos mais perigosos, porquanto lançam mão de armas que todos temem e a paixão que os impulsiona, e que todos aprovamos, leva-os a querer assassinar-nos com um ferro sagrado. Essas pessoas de caráter dúbio vêem por toda parte; mas os devotos de coração são fáceis de reconhecer. Nosso século, meu irmão, nos expõe aos olhos alguns que podem nos servir de gloriosos exemplos: olhe Ariston, olhe Périandre, Oronte, Alcidames, Polydore, Clitandre, não há quem possa contestar-lhes tal título; não são absolutamente fanfarrões de virtude; neles são se vê esse fasto insuportável e a devoção deles é humana, é tratável; (22) não se metem a censurar-nos todas as ações. Acham que orgulho demasiado a arrogância das palavras, é com suas ações que procuram corrigir as nossas. Para eles a aparência do mal não tem grande importância e são levados sempre a pensar bem do próximo. Nada de intrigas, nada de conluios com eles. Sua única preocupação é procurar viver bem; nunca se encarniçam contra um pecador qualquer; odeiam somente o pecado e não pretendem esposar, com zelo extremo, os interesses do Céu mais do que o próprio Céu. Eis, minha gente, como devemos proceder a exemplo enfim que nos devemos propor. O seu homem, para dizer a verdade, não é desse tipo: só por muita boa fé você lhe gaba o zelo, mas acho que está deslumbrado por brilho falso.

ORGON

Meu caro cunhado, já disse tudo?

CLÉANTE

Sim.

ORGON

Um seu criado. *(Faz menção de ir-se.)*

CLÉANTE

Por favor, uma palavra só, meu irmão. Vamos esquecer esse assunto. Sabe que Valère tem a sua palavra de que será seu genro.

ORGON

Sei.

CLÉANTE

Você estava para marcar o dia de tão agradável enlace.

ORGON

É verdade

CLÉANTE

Por que, então, adiar a festa?

ORGON

Não sei,

CLÉANTE

Será que você tem outra idéia na cabeça?

ORGON

Talvez

CLÉANTE

Quer faltar à palavra dada?

ORGON

Não digo isso.

CLÉANTE

Não existe obstáculo, parece-me, que impeça o prometido.

ORGON

Conforme.

CLÉANTE

Serão precisos tantos rodeios para dizer uma palavra? Valère pediu-me que o visitasse para falar a respeito.

ORGON

Que o Céu seja louvado!

CLÉANTE

Mas, afinal, que devo dizer-lhe?

ORGON

O que você quiser.

CLÉANTE

Mas falemos às claras. Valère tem a palavra que você lhe deu: vai cumpri-la ou não?

ORGON

Adeus!

CLÉANTE

Estou pressentindo uma desgraça para o amor de Valère e devo adverti-lo de tudo o que se passa.

ATO II

Cena I

Orgon, Mariane

ORGON

Mariane.

MARIANE

Meu pai.

ORGON

Aproxime-se, tenho de falar-lhe em segredo.

MARIANE

Que é que você está procurando?

ORGON *(olha para um pequeno gabinete)*

Estou vendo se não há alguém que possa nos ouvir; pois este pequeno cômodo (23) se presta a surpresas. Vamos, está tudo bem. Mariane, sempre achei que você era dotada de espírito muito dócil e sempre me foi muito cara.

MARIANE

Sou muito reconhecida a esse amor de pai.

ORGON

Muito bem dito, minha filha, e para merecê-lo você deve ter a preocupação de fazer-me a vontade.

MARIANE

É nisso também que deposito minha maior glória.

ORGON

Muito bem. Que é que você diz do nosso hóspede, Tartufo?

MARIANE

Quem, eu?

ORGON

Sim, você. Veja bem como vai responder.

MARIANE

Ai de mim! Direi tudo o que o senhor quiser.

ORGON

É falar sensatamente. Diga-me, então, minha filha, que em toda a pessoa dele brilha alto merecimento, que lhe toca o coração e que lhe seria agradável vê-lo tornar-se seu esposo pela minha escolha. Hein?

(Mariane recua surpresa.)

MARIANE

Hein?

ORGON

Que é?

MARIANE

Como disse?

ORGON

Como?

MARIANE

Acaso me enganei?

ORGON

Como?

MARIANE

Quem o senhor quer, meu pai, que eu diga que me toca o coração e que me seria agradável, por sua escolha, tornar-se meu esposo?

ORGON

Tartufo.

MARIANE

De modo algum, meu pai. Eu lhe juro. Por que fazer-me dizer semelhante impostura?

ORGON

Mas quero que isso seja uma verdade; e para você é bastante que eu tenho decidido.

MARIANE

Como? O senhor quer, meu pai?...

ORGON

Sim, pretendo, minha filhar, unir Tartufo à família através de seu casamento. Será seu esposo, já o resolvi e como eu...

Cena II

Dorine, Orgon, Mariane

ORGON

Que está fazendo? A curiosidade que a espicaça é bem forte, minha cara, para vir-nos escutar dessa maneira.

DORINE

Na verdade, não sei se é um boato que teve origem em alguma conjetura, ou se provém de um acaso qualquer, mas trouxeram-me a notícia desse casamento e encarei-o como simples frioleira.

ORGON

Como? Acha então que seja incrível?

DORINE

A tal ponto que nem no senhor acreditaria.

ORGON

Sei muito bem o meio de fazê-la acreditar.

DORINE

Sim, sim, está-nos contando uma história engraçada.

ORGON

Estou contando exatamente o que verão dentro em pouco.

DORINE

Histórias!

ORGON

O que lhe digo, minha filha, não é brincadeira.

DORINE

Vamos, menina, não acredite em seu pai: ele está caçoando.

ORGON

Digo-lhe...

DORINE

Não, por mais que faça, não acreditarei.

ORGON

Afinal, minha cólera...

DORINE

Pois bem! Vamos acreditar e tanto pior para o senhor. Como? Será possível, senhor, que com esse ar de homem sensato e com essa bigodeira pelo meio da cara, o senhor seja tão doido que...

ORGON

Escute: você tomou aqui dentro certas familiaridades que não me agradam; é o que lhe digo, minha cara.

DORINE

Vamos falar sem nos zangar, senhor, eu lhe suplico. O senhor está zombando da gente quando faz essa conspiração? A sua filha não é para o bico de um carola: ele tem outras coisas em que pensar. E depois, que é que lhe traz uma aliança dessas? A propósito de que, com todos os seus bens, procurar um genro miserável?...

ORGON

Cale-se. Se nada tem, fique sabendo que é por isso que se deve respeitá-lo. Sua miséria é, sem dúvida, uma miséria honesta; deve elevá-la acima das grandezas, porquanto, afinal de contas, deixou-se privar de todos os bens pelo descaso das coisas temporais e por seu grande apego às coisas eternas. Mas meu auxílio poderá fornecer-lhe os meios de sair do embaraço e recobrar os seus bens: são feudos que se conhecem no país a justo título e, tal como o vemos, não deixa de ser um gentil-homem.

DORINE

Sim, é ele mesmo quem o diz; e tal vaidade, senhor, não condiz com a piedade. Quem abraça a inocência de vida santa não deve gabar tanto o nome e o nascimento, e o humilde processo da devoção mal suporta o esplendor dessa ambição. Para que esse orgulho?... Mais tais palavras ofendem o senhor: falemos da pessoa dele e deixemos de lado a sua nobreza. O senhor entregaria, sem qualquer preocupação, filha como a sua a um homem como ele? E o senhor não teria de pensar nas conveniências e prever as conseqüências dessa união? Saiba que se arrisca a virtude de uma moça quando se lhe contraria o gosto no casamento; que a intenção de viver honestamente depende das qualidades do marido que se lhe

dá; e aqueles que, em toda parte, são apontados com o dedo, muitas vezes fazem das próprias mulheres o que se vê que elas são. Enfim, é bem difícil ser fiel a certos maridos feitos conforme certo modelo; (25) e quem dá à própria filha um homem que ela odeia fica responsável perante o Céu das faltas que ela comete. Pense bem a que perigos o seu plano o expõe.

ORGON

Digo-lhe que preciso aprender com ela a viver.

DORINE

Ser-lhe-ia muito melhor seguir minhas lições.

ORGON

Não vamos nos divertir mais com essas histórias, minha filha: sei o que lhe convém e sou seu pai. Tinha dado minha palavra a Valère em seu nome; mas além de dizerem que tem tendências para o jogo, também alimento suspeitas de que é um tanto libertino: e não o vejo freqüentar igrejas.

DORINE

O senhor quer que ele vá lá correndo exatamente na hora em que o senhor vai, como fazem aqueles que só vão lá para se mostrarem?

ORGON

Não lhe peço a opinião a tal respeito. Afinal, o outro está nas melhores condições possíveis com o Céu e tal riqueza se revela superior a qualquer outra. Este casamento satisfará todos os seus desejos, você só encontrará nele doçuras e prazeres. Juntos vocês viverão, em uma paixão fiel, como duas verdadeiras crianças, como dois pombinhos. Nunca chegarão a qualquer discussão desagradável e você fará dele tudo o que quiser.

DORINE

Ela? Só fará dele um tolo, eu lhe asseguro.

ORGON

Ora essa! Que palavras!

DORINE

Digo que ele já tem a aparência de tolo e a influência astral (26) desse sujeito há de prevalecer sobre qualquer virtude que sua filha tiver.

ORGON

Deixe de me interromper e pense em calar-se, ao invés de meter o bedelho no que não é de sua conta.

DORINE

Só falo, senhor, para o seu bem.

(Ela interrompe sempre no momento em que ele se volta para falar à sua filha.)

ORGON

É preocupação demais. Cale-se, por favor.

DORINE

Se não gostássemos do senhor...

ORGON

Não quero que gostem de mim.

DORINE

E eu quero gostar, mesmo que o senhor não queira.

ORGON

Ah!

DORINE

A sua honra me é cara e não posso tolerar que se vá oferecer aos motejos de qualquer um.

ORGON

Você não vai se calar?

DORINE

É uma inconsciência deixá-lo fazer tal aliança.

ORGON

Vai-se calar, serpente, cujos remoques descarados...?

DORINE

Ah! o senhor é devoto e, no entanto, se exalta?

ORGON

Sim, minha bile ferve diante de todas essas parvoíces, e decididamente quero que se cale.

DORINE

Está certo. Mas, mesmo sem dizer palavra, não deixo de pensar.

ORGON

Pense lá se quiser, mas aplique seus cuidados *(voltando-se para a filha)* em não me falar disso ou: basta. Como homem sensato, pesei maduramente todas as circunstâncias.

DORINE

Arrebento por não poder falar!

(Cala-se quando ele se volta.)

ORGON

Sem ser donzelo, Tartufo é de tal sorte...

DORINE

Isso mesmo, tem um belo focinho.

ORGON

Que mesmo que você não tenha simpatia nenhuma para com todos os outros dotes...

(Volta-se para ela e olha-a de braços cruzados.)

DORINE

Ei-la bem arranjada! Se estivesse no lugar dela, um homem qualquer não me esposaria à força impunemente, e havia de mostrar-lhe, logo depois da festa, que uma mulher tem sempre a vingança à mão.

ORGON

Então não querem dar importância ao que digo?

DORINE

De que se queixa o senhor? Não estou lhe falando, não.

ORGON

Que é, então, que está fazendo?

DORINE

Falo comigo mesma.

ORGON

Muito bem. Para castigar-lhe a extrema insolência é preciso que lhe meta um bofetão. *(Põe-se em posição de dar-lhe uma bofetada; e Dorine, a cada olhadela que lhe lança, fica perfilada sem falar.)* Minha filha, você deve aprovar meu projeto... Acreditar que o marido... que eu soube escolher... (27) Por que é que não fala?

DORINE

Nada tenho a dizer-me.

ORGON

Ainda uma palavrinha.

DORINE

Não me agrada.

ORGON

Decerto, eu estava te espiando.

DORINE

Que tola, palavra!

ORGON

Enfim, minha filha, é preciso obedecer, mostrando toda deficiência para a minha escolha.

DORINE *(fugindo)*

Haveria de achar muita graça se me casasse com tal sujeito.

(Ele quer dar-lhe uma bofetada e não a atinge.)

ORGON

Aí está com você, minha filha, uma verdadeira peste, com quem eu não poderia viver mais sem cair em pecado. Sinto-me agora incapaz de prosseguir: suas palavras insolentes transtornaram-me o espírito, vou tomar um pouco de ar para tranqüilizar-me!

Cena III

Dorine, Mariane

DORINE

Você, por acaso, perdeu a língua e, nisso tudo, preciso representar o seu papel? Permitir que lhe proponham um projeto insensato, sem repeli-lo ao menos com uma palavra!

MARIANE

Que quer você que eu faça contra um pai prepotente?

DORINE

O que for preciso para evitar tal ameaça.

MARIANE

Como assim?

DORINE

Dizer-lhe que um coração não ama por outrem, que você se casa para você e não para ele, que, sendo a maior interessada na questão, é a você, não a ele, que o marido tem de interessar, e que se o tal Tartufo é para ele tão encantador, pode desposá-lo sem qualquer impedimento.

MARIANE

Confesso que um pai tem tanto império sobre nós, que não tive a coragem de dizer-lhe uma palavra.

DORINE

Vamos raciocinar: Valère demonstrou que gosta de você; você gosta dele ou não?

MARIANE

Ah! como é grande a tua injustiça para com meu amor, Dorine! É para fazer-me tal pergunta? Já não te abri cem vezes meu coração, e não sabes até onde vai meu amor por ele?

DORINE

Como saber se o coração falou pela boca, e se é mesmo verdade que esse amor a domina?

MARINE

É grande injustiça que me faz Dorine, duvidando dela, quando meus verdadeiros sentimentos você já conhece tão bem.

DORINE

Enfim, você o ama mesmo?

MARIANE

Sim, com extremo ardor.

DORINE

E, segundo as aparências, ele também a ama?

MARIANE

Acho que sim.

DORINE

E os dois desejam igualmente que o casamento os uma?

MARIANE

Com toda certeza.

DORINE

Que espera, então, dessa outra união?

MARIANE

Matar-me se a ela me forçarem.

DORINE

Muito bem. Aí está um recurso em que eu não tinha pensado. Para evitar morrer, basta já ter morrido! Esse remédio é, sem dúvida, maravilhoso. Fico danada quando ouço alguém falar nesses termos!

MARIANE

Meu Deus! Como você fica furioso, Dorine! Você não tem pena dos desgostos dos outros.

DORINE

Não tenho pena de quem só diz tolices e, quando chega a ocasião, amolece como você.

MARIANE

Mas o que você quer que eu faça, se sou tão tímida?

DORINE

O amor no coração exige firmeza.

MARIANE

Mas não a conservo para o amor de Valère? E não cabe a ele obter-me de meu pai?

DORINE

Mas como? Se seu pai é um rematado cabeçudo, inteiramente nas mãos do tal Tartufo! Se deixa de cumprir a palavra empenhada, deve-se atribuir a culpa a seu apaixonado?

MARIANE

Mas, recusando abertamente e desprezando às claras, não revelaria eu, com essa escolha, um coração demasiadamente apaixonado? Poderia abandonar, fosse qual fosse o meu ardor, o pudor do sexo e o dever de filha? E você quer que o meu amor exibido pelo mundo...

DORINE

Não, não quero nada. Percebo que você quer pertencer ao Senhor Tartufo; e, pensando bem, vejo que não tenho motivos para afastá-la de tal união. Que razão teria eu de combater essa inclinação? O partido é em si mesmo bastante vantajoso. O senhor Tartufo! Oh! Oh! Não é pouco o que se propõe? Com certeza o senhor Tartufo, levando tudo em conta, não é qualquer tipo à-toa de quem não valha a pena ser cara-metade. Todo o mundo já o coroa de glória; é de família nobre, bem apessoado; tem orelhas vermelhas e tez bem viçosa: você há de viver muito contente com tal marido.

MARIANE

Meu Deus!...

DORINE

Que enorme alegria não lhe encherá a alma quando se vir mulher de tão belo esposo!

MARIANE

Ah! por favor, deixe essas palavras e auxilie-me contra esse casamento: pronto, entregue-me, estou pronta a fazer tudo.

DORINE

Não, uma filha deve obedecer ao pai, mesmo que ele queira dar-lhe um macaco por esposo. Sua sorte é invejável: de que você se queixa? Irá de carro à aldeola dele, que encontrará cheia de tios e primos e você se divertirá muito em entretê-los. Primeiro, você será apresentada à alta roda; irá visitar, para receber as boas-vindas, a senhora esposa do bailio e a senhora do juiz eleito; (28) que a farão sentar-se em simples cadeira-dobradiça. (29) Lá você poderá esperar, no carnaval, o baile e a orquestra do rei, (30) a saber, duas gaitas de fole e, às vezes, Fagotin (31) e os títeres, se, no entanto, seu esposo...

MARIANE

Ah! você me mata. Pense antes em socorrer-me com seus conselhos.

DORINE

Sou uma criada.

MARIANE

Oh! Dorine, por favor...

DORINE

É preciso, para castigá-la, que esse casamento se realize.

MARIANE

Minha boa amiga!

DORINE

Não.

MARIANE

Se meus votos declarados...

DORINE

De modo algum: Tartufo é o que lhe convém e você terá de suportá-lo!

MARIANE

Você sabe que sempre me confiei a você: faz-me...

DORINE

Não, você há de ser mesmo tartuficada.

MARIANE

Pois bem! Desde que minha sorte não pode comovê-la, deixe-me doravante entregue ao meu desespero: pedirei ajuda a ele e conheço bem o remédio infalível aos meus males.

(Quer ir-se embora.)

DORINE

Eh! Volte. Esqueço minha raiva. Apesar de tudo, é preciso ter pena de você,

MARIANE

Veja bem, se me expuserem a esse cruel martírio, juro-lhe, Dorine, terei de morrer.

DORINE

Não se atormente mais. Com jeito pode-se impedir... Mas aí está Valère, seu apaixonado.

Cena IV

Valère, Mariane, Dorine

VALÈRE

Mariane, acabam de me dar uma notícia que eu não sabia e que é, sem dúvida, muito interessante.

MARIANE

Qual?

VALÈRE

Que você vai desposar Tartufo.

MARIANE

É certo que meu pai pôs esse plano na cabeça.

VALÈRE

Seu pai, Mariane...

MARIANE

Mudou de opinião: ele mesmo acaba de mo dizer.

VALÈRE

Como? É sério?

MARIANE

Sim, é sério. Declarou-se abertamente por esse casamento.

VALÈRE

E qual partido que tomará diante disso, senhora?

MARIANE

Não sei.

VALÈRE

A resposta é honesta. Não sabe?

MARIANE

Não.

VALÈRE

Não?

MARIANE

Que é que me aconselha a fazer?

VALÈRE

Eu lhe aconselho a aceitar esse esposo.

MARIANE

Você me aconselha isso?

VALÈRE

Sim.

MARIANE

De verdade?

VALÈRE

Sem dúvida: a escolha é gloriosa e vale a pena que seja aceita.

MARIANE

Pois bem, senhor! Aceito seu conselho.

VALÈRE

Não lhe será muito difícil segui-lo, ao que parece.

MARIANE

Não mais do que lhe foi em dá-lo, acho.

VALÈRE

Eu o dei tão-somente para lhe ser agradável, senhora.

MARIANE

E eu o seguirei para agradá-lo.

DORINE

Vamos ver o que sairá disso.

VALÈRE

Então, é assim que se ama? E era para me enganar quando...

MARIANE

Não falemos disso, por favor. Você me disse com toda franqueza que devo aceitar aquele que me impingem como esposo: e eu declaro que pretendo fazê-lo, pois é você que me dá conselho tão salutar.

VALÈRE

Não venha desculpar-se com as minhas intenções. Você já havia tomado sua resolução e agora lança mão de um pretexto frívolo que a justifique por faltar à palavra.

MARIANE

É verdade, muito bem dito.

VALÈRE

Sem dúvida, e o seu coração nunca nutriu por mim verdadeiro amor.

MARIANE

Ai de mim! É-lhe permitido ter tal pensamento.

VALÈRE

Sim, sim, é permitido; mas minha alma ofendida talvez se lhe antecipe em projeto semelhante e sei muito bem onde levar meus sentimentos e minha mão.

MARIANE

Ah! não duvido, e os ardores que o mérito aviva...

VALÈRE

Meu Deus, deixemos de lado o mérito: tenho muito pouco sem dúvida, a julgar pelo caso que faz dele. Mas espero que outra terá por mim muitas atenções e bem sei quem consentirá, de bom grado, em reparar minha perda.

MARIANE

Não é grande a perda; e você se conformará facilmente com a troca.

VALÈRE

Farei o possível, e pode crê-lo. Coração que nos esquece nos lança um desafio e é preciso, para esquecê-lo, usar de todos os meios: se não se conseguir, deve-se pelo menos fingir. E não se perdoa nunca a covardia de demonstrar amor a quem nos abandona.

MARIANE

Sem dúvida, tal sentimento é nobre e elevado.

VALÈRE

Muito bem; e todos devem aprová-lo. Por acaso pretenderia você que eu conservasse eternamente na alma todo meu amor, vendo-a com meus próprios olhos passar para outros braços, sem dar a outra o coração que rejeita?

MARIANE

Ao contrário; quanto a mim, é isso mesmo o que desejo. Gostaria que já fosse realidade.

VALÈRE

Deseja mesmo?

MARIANE

Sim.

VALÈRE

Basta de insultos, senhora, e desta maneira vou satisfazê-la. *(Dá um passo para ir embora mas volta atrás.)*

MARIANE

Muito bem.

VALÈRE

Lembre-se ao menos que á a senhora mesma quem me obriga a dar esse passo extremo.

MARIANE

Isso mesmo.

VALÈRE

E que o desígnio que minha alma concebe segue exatamente seu exemplo.

MARIANE

Meu exemplo, está certo.

VALÈRE

Basta: no momento preciso, você vai ser servida.

MARIANE

Tanto melhor.

VALÈRE

Está vendo, é para toda vida.

MARIANE

Até que enfim.

VALÈRE

Ah! *(Vai-se e, quando chega à porta, volta-se)*

MARIANE

Como?

VALÈRE

Não me chamou?

MARIANE

Eu? Está sonhando.

VALÈRE

Muito bem! Continuo meu caminho. Adeus, senhora.

MARIANE

Adeus, senhor.

DORINE

Quanto a mim, acho que vocês estão perdendo a cabeça com essa extravagância. E eu os deixei discutir até agora só para ver até onde podiam chegar. Ei! Senhor Valère. *(Ela vai detê-lo pelo braço e ele finge resistir.)*

VALÈRE

Que é que você está querendo, Dorine?

DORINE

Venha cá.

VALÈRE

Não, não, o despeito me domina. Não me faça voltar atrás naquilo que ela desejou.

DORINE

Pare.

VALÈRE

Não, está vendo? É caso resolvido.

DORINE

Ah!

MARIANE

Ele não suporta minha presença e seria muito melhor que eu fosse embora.

DORINE *(deixando Valère e correndo para Mariane)*

E você, para onde vai?

MARIANE

Largue-me!

DORINE

É preciso voltar.

MARIANE

Não, não, Dorine: é inútil querer me deter.

VALÈRE

Vejo que minha presença é um suplício para ela e, sem dúvida, será muito melhor que eu vá embora.

DORINE *(deixando Mariane e correndo para Valère)*

Outra vez? Que diabo o carregue se deixar você embora! Acabem com essa brincadeira e venham cá os dois. *(puxa-os, um para o outro.)*

VALÈRE

Mas quais são tuas intenções?

MARIANE

Que queres fazer?

DORINE

Que façam as pazes e saiam desse embaraço. Você está louco para brigar dessa maneira?

VALÈRE

Você não ouviu de que maneira ela falou comigo?

DORINE

Você está louca, ficando zangada assim?

MARIANE

Não acompanhaste tudo? E viste como ele me tratou?

DORINE

Tolice de ambos os lados. Ela não quer outra coisa a não ser conservar-se fiel a você, pode estar certo. Você é a única para ele: não alimenta outro desejo senão o de ser seu esposo. Garanto-o com a minha vida.

MARIANE

Por que então dar-me tal conselho?

VALÈRE

Por que me interrogar sobre assunto semelhante?

DORINE

Vocês dois estão malucos. Vamos, a mão de um e de outro. Vamos, os dois.

VALÈRE *(dando a mão a Dorine)*

Para que dar a mão?

DORINE

Agora a sua.

MARIANE *(dando também a mão)*

Para que tudo isso?

DORINE

Meu Deus! Depressa, aproximem-se. Vocês gostam um do outro mais do que imaginam.

VALÈRE

Mas não faça tudo isso com dificuldade e olhe pelo menos para mim sem ódio. *(Mariane volta os olhos para Valère e esboça um sorriso.)*

DORINE

Para dizer-lhe a verdade, os apaixonados são mesmo malucos!

VALÈRE

Ora essa, mas então não tenho motivos de queixa. E, sem mentir, você não é má por comprazer-me em me dizer palavras tão aflitivas?

MARIANE

Mas você, não é você o homem mais ingrato...?

DORINE

Deixemos para outra ocasião toda essa discussão e pensemos na maneira de impedir tal casamento.

MARIANE

Diga-nos, então, de que recursos se deve lançar mão.

DORINE

Vamos empregar todos os recursos. Sei pai está zombando, tudo isso são conversas. Mas, quanto a vocês, é melhor que tomem a aparência de tranqüilo assentimento à extravagância dela, a fim de que, em caso de alarma, seja mais fácil deixar prolongar-se o enlace proposto. Conseguindo ganhar tempo, tudo se remediará. Ora você pretextará alguma doença que e manifeste de repente e exija adiamentos; ora você alegará maus presságios: por ter encontrado um enterro, quebrado algum espelho ou sonhado com água turva. Mas o principal é que com outro não a possam casar desde que não diga “sim”. (32) Mas, para melhor se saírem seria bom, parece-me, que ninguém os encontre juntos a conversar *(A Valère)* Saia e sem tardança utiliza seus amigos para cumprirem o que lhe prometeram. Vamos procurar ganhar os esforços de seu irmão e conseguir o apoio da madrasta. (33) Adeus.

VALÈRE *(a Mariane)*

Por mais esforços que despendamos, minha maior esperança, a bem dizer, reside na senhora.

MARIANE *(A Valère)*

Não posso responder-lhe pelas vontades de meu pai; mas não pertencerei a outro que não seja Valère.

VALÈRE

Como você me alegra! E o que quer que se atrevam...

DORINE

Ah! nunca os namorados se cansaram de tagarelar. Sai, estou-lhe dizendo.

VALÈRE *(dá um passo e volta)*

Enfim...

DORINE

Que tagarelice a sua! Passe (34) para cá e você para lá. *(Empurra-os pelos ombros.)*

ATO III

Cena I

Damis, Dorine

DAMIS

Que um raio agora mesmo me fulmine, que tratem por toda parte como o maior dos patifes, se houver algum poder ou respeito que impeça de fazer agora mesmo um disparate!

DORINE

Por favor, modere esse arrebatamento: seu pai só me falou por alto do assunto. Nem sempre se leva a termo tudo quanto se imagina e é longo o caminho do projeto à realização.

DAMIS

É indispensável que eu impeça as maquinações desse pretensioso e lhe diga duas palavrinhas ao ouvido.

DORINE

Ah! devagar! Deixe que os cuidados de sua madrasta para com ele e para com seu pai surtam efeito. Ela tem certa influência sobre o espírito de Tartufo; e ele se torna complacente a tudo o que ela diz, e talvez mesmo alimente algum sentimento secreto por ela. Quem dera que assim fosse! Viria bem a propósito. Enfim, é do sei interesse mandar chamá-lo; ela quer sonda-lo a respeito do casamento que tanto o preocupa, indagar-lhe dos sentimentos, e dar-lhe a conhecer as complicações que poderiam originar-se, caso ele empreste qualquer apoio a esses planos. O criado diz que ele está rezando e não pude vê-lo; mas esse criado me comunicou que o tal ia descer. Saia um pouco, peço-lhe, e deixe-me esperá-lo.

DAMIS

Posso estar presente a toda essa conversa.

DORINE

De modo algum. Convém que fiquem a sós.

DAMIS

Nada lhe direi.

DORINE

Você está brincando: são conhecidos os seus arrebatamentos, e poderia estragar tudo. Saia.

DAMOS

Não: quero ver, sem encolerizar-me.

DORINE

Como você é impertinente! Aí vem ele. Retire-se. (35)

Cena II

Tartufo, Laurent, (36) Dorine

TARTUFO *(Ao ver Dorine)*

Laurent, aperta-me o cilício com a disciplina, (37) e roga ao Céu que sempre te i-lumine. Se vierem procurar-me, fui visitar os presos, (38) para repartir com eles as esmolas que recolhi.

DORINE

Quanta afetação e fanfarrice!

TARTUFO

Que deseja?

DORINE

Vim dizer-lhe...

TARTUFO *(tira um lenço do bolso)*

Ah! meu Deus, por favor, antes de falar, tome esse lenço.

DORINE

Como?

TARTUFO

Cubra estes seios que eu não poderia ver: coisas como essas ferem-nos a alma e dão origem a pensamentos culposos.

DORINE

Então, o senhor cede facilmente à tentação, e a carne exerce grande impressão sobre seus sentidos? Com certeza, não sei bem o que lhe sobe à cabeça; quanto

a mim, felizmente, não sou tão pronta na cobiça e poderia vê-lo nu dos pés a cabeça, que toda a sua pele não me tentaria.

TARTUFO

Ponha em suas palavras um pouco mais de modéstia ou terei que virar-lhe as costas agora mesmo.

DORINE

Não, não, sou eu quem vou deixá-lo em paz, pois só tenho que dizer-lhe duas palavras. A senhora deve vir a essa sala baixa e pede-lhe o favor de conceder-lhe uma entrevista.

TARTUFO

Ai de mim! De muita boa vontade.

DORINE *(consigo mesmo)*

Como ficou manso! Palavra de honra, mantenho o que disse.

TARTUFO

Será que ela vem já? (39)

DORINE

Estou ouvindo passos, parece-me. Sim, é ela mesma, vou deixá-los juntos.

Cena III

Elmire, Tartufo

TARTUFO

Que o Céu, em toda a sua bondade, lhe dê para sempre a saúde da alma e do corpo e abençoe os seus dias tanto quanto o deseja o mais humilde entre os que o celeste amor inspira.

ELMIRE

Fico-lhe muito grata por esses votos piedosos. Mas vamos sentar-nos para estar mais à vontade. (40)

TARTUFO

Já se restabeleceu da indisposição que a acometeu?

ELMIRE

Já. Felizmente a febre passou depressa.

TARTUFO

As minhas orações não possuem o merecimento necessário para atrair essa graça lá do alto; mas não fiz ao Céu nenhum pedido devoto que não tivesse por objeto a sua convalescença.

ELMIRE

Seu zelo inquietou-se demasiado por mim.

TARTUFO

Nunca será estimar demais a sua preciosa saúde e, para restabelecê-la, de bom grado daria a minha.

ELMIRE

É levar muito longe a caridade cristã e muito lhe fico a dever por tanta bondade

TARTUFO

Faço pela senhora muito menos do que merece.

ELMIRE

Quis falar-lhe em segredo de um assunto e folgo que ninguém nos esteja espiando.

TARTUFO

Estou igualmente encantado e, sem dúvida, é me sumamente agradável ver-me a sós com a senhora. Tenho pedido aos Céus uma ocasião dessas, que até esta hora não mo quis proporcionar.

ELMIRA

Quanto a mim, o que desejo é apenas uma conversa em que seu coração se revele e nada me esconda.

TARTUFO

E o que também quero, por favor especial, é mostrar a seus olhos minha alma inteira e jurar-lhe aqui mesmo que a oposição que faço às visitas que aqui vêm atraídas pelos seus encantos não resultam de qualquer ódio contra a sua pessoa, mas representam antes um transporte do zelo que me arrasta, e com intenções puras...

ELMIRE

Assim o considero, e creio que minha salvação é que lhe dá todos esses cuidados.

TARTUFO *(aperta-lhe a ponta dos dedos)*

Sim, senhora, sem dúvida, e meu fervor é de tal modo...

ELMIRE

Ufa! está me apertando muito.

TARTUFO

É excesso de zelo. Não poderia passar-me pela cabeça magoá-la e antes teria... *(Põe-lhe a mão no joelho.)*

ELMIRE

Que faz aí sua mão?

TARTUFO

Estou apalpando seu vestido: o tecido é tão macio.

ELMIRE

Ah! por favor, não faça isso, sinto muita cócega. *(Recua a cadeira e Tartufo aproxima a dela.)*

TARTUFO

Meu Deus! Por este ponto se vê que a obra é maravilhosa! Trabalha-se hoje de maneira milagrosa; nunca, em outra coisa, se viu trabalhar tão bem.

ELMIRE

É verdade. Mas falemos um pouco de nosso assunto. Dizem que meu marido quer voltar atrás com a palavra empenhada e dar-lhe a filha em casamento. Será verdade, diga-me?

TARTUFO

Disse-me apenas duas palavras; mas, senhora, para dizer-lhe a verdade, não é essa a felicidade que almejo e vejo alhures os atrativos maravilhosos da felicidade para a qual se voltam todos os meus desejos.

ELMIRE

É porque o senhor não ama nenhum dos bens terrenos.

TARTUFO

Meu peito não encerra um coração de pedra.

ELMIRE

Eu, por mim, acho que todos os seus suspiros dirigem-se ao céu e nada aqui embaixo atrai os seus desejos.

TARTUFO

O amor que nos sujeita às belezas eternas não mata em nós o amor das belezas temporais; é fácil aos sentidos se encantarem pelas obras perfeitas que o Céu criou. Esses encantos refletem em todas, mas na senhora espelham as mais raras maravilhas. Espalhou-lhe pelo rosto belezas tais que surpreendem os olhos e transportam os corações e não posso vê-la, perfeita criatura, sem admirar em sua pessoa o autor da natureza, sentindo logo o coração inflamado de amor ardente, pelo mais belo dos retratos em que ele mesmo representou. A princípio, temi que esse secreto amor fosse astuciosa surpresa do espírito negro e chegou mesmo o meu coração a evitar-lhe os olhares, acreditando-a obstáculo à minha salvação. Mas, enfim, compreendi, ó amável beldade, que esta paixão pode não ser culposa, e que me é dado acomodá-la ao pudor. Pude então abandonar-lhe meu cora-

ção. Confesso ser audácia demasiado grande ousar ofertar-lhe este coração; mas tudo espero de sua bondade para com os meus anseios e nada dos vãos esforços de minha enfermidade; na senhora reside a minha esperança, o meu bem, minha quietude; da senhora dependem meu sofrimento ou minha beatitude, e vou ser, afinal, pela sua única sentença feliz, se o quiser, infeliz, se lhe agradar.

ELMIRE

A declaração é extremamente galante, mas para dizer a verdade, um tanto surpreendente. Parece-me que o senhor devia proteger melhor o próprio coração e raciocinar um pouco sobre tal intento. Devoto como o senhor é e que por toda parte é tido...

TARTUFO

Ah! Mas nem por ser devoto eu não sou menos homem; (41) e quando se chega a ver seus celestes atrativos, o coração torna-se escravo e não raciocina mais. Sei que essas palavras parecem estranhas partindo de mim, mas, senhora, apesar de tudo, não sou um anjo; e se condena a confissão que acabo de lhe fazer, deve culpar seus encantos. Desde que lhes vi brilhar o esplendor mais que humano, a senhora tornou-se a soberana de meu coração; a inefável doçura de seu divino olhar forçou a resistência em que se obstinava meu coração; ela superou tudo, jejuns, orações, lágrimas e dirigiu todos os meus anseios para seus encantos. Disse-lho mil vezes com olhares e suspiros e agora, para explicar-me melhor, uso a voz. Se a senhora contempla com benevolência as tribulações desse escravo indigno, (42) se for o caso que sua bondade queira consolar-me dignando rebaixar-se até o nada que sou, terei sempre pela senhora, ó suave maravilha, devoção a nenhuma outra compatível. A sua honra não corre qualquer risco comigo, e não há desgraça a temer de minha parte. Todos esses galantes da corte, por quem as mulheres são loucas, gabam-se dos seus feitos e são vazios em suas palavras. Ufanam-se completamente de seus progressos. Não há favor que não passem a divulgar e suas línguas indiscretas, se alguém nelas confiar, desonram o próprio altar onde o coração vai sacrificar. Mas as pessoas como nós amam discretamente, podendo-se ter para sempre a segurança do segredo: o cuidado que temos pela nossa própria fama responde por tudo à pessoa amada, e é em nós que se encontra, aceitando nosso coração, amor sem escândalo e prazer sem receio.

ELMIRE

Ouço-o falar, e sua retórica, em termos bem fortes, à minha alma se explica. O senhor não receia que eu seja capaz de comunicar ao meu marido esse galante ardor, e que o conhecimento de tal ardor venha alterar a amizade que lhe dedica?

TARTUFO

Sei que a sua benevolência perdoará minha temeridade, desculpando a fraqueza humana, os violentos transportes de um amor que a ofende e compreenderá, contemplando-se a si mesma, que ninguém é cego e que um homem é de carne.

ELMIRE

Outras veriam isto, de outra maneira, mas saberei ser discreta. Nada direi a respeito ao meu esposo, mas quero, em troca, fazer-lhe um pedido: é interessar-se o senhor francamente e sem subterfúgios pela união de Valère e Mariane, renunciar ao injusto poder que pretende com o bem alheio enriquecer-se. E...

Cena IV

Damis, Elmire, Tartufo.

DAMIS *(saindo do gabinete onde se havia escondido)*

Não, senhora, não: isso deve ser espalhado. Eu estava escondido aqui, e pude ouvir tudo; e a bondade de Céu parece que me levou para lá a fim de confundir o orgulho de um traidor que me prejudica, a fim de abrir um caminho que me vingue de sua hipocrisia e insolência, e de tirar meu pai do engano revelando-lhe inteiramente a alma de um criminoso que lhe fala de amor.

ELMIRE

Não, Damis: basta que ele se torne mais sensato e trate de merecer o perdão que lhe concedo. Como prometi, não voltarei atrás. Não é de meu feitio provocar escândalos: uma mulher deve rir-se de tolices desse tipo, sem nunca perturbar os ouvidos do marido.

DAMIS

A senhora tem suas razões para agir dessa maneira, mas eu tenho as minhas para agir de outra. É zombaria querer poupá-lo; o insolente orgulho de sua carolice já ultrapassou minha justa cólera, e já causou muita desordem entre nós. O velhaco já governou meu pai por muito tempo e atrapalhou meu amor e o de Valère. É indispensável que ele se desiluda desse pérfido e agora o Céu me oferece excelente meio. Sou-lhe grato por essa ocasião e ela é demasiado favorável para ser desprezada: tê-la em mãos e deixar de aproveitá-la; seria merecer que ele ma arrebatasse.

ELMIRE

Damis...

DAMIS

Não, por favor, preciso acreditar em mim mesmo. Minha alma está no auge da alegria; em vão suas palavras procuram obrigar-me a renunciar o prazer de me ver

vingado. Sem ir mais adiante, vou liquidar o caso; e eis justamente o que me poderá satisfazer.

Cena V

Orgon, Damis, Tartufo, Elmire.

DAMIS

Logo à sua chegada, meu pai, vamos regalá-lo com um acontecimento recente que muito o irá surpreender. O senhor está muito bem pago de todos os seus agrados, pois este senhor retribui-lhe as ternuras na mesma moeda. Acaba de declarar o grande zelo que nutre pelo senhor: não visa outra coisa senão desonrá-lo; eu o surpreendi fazendo à sua esposa a injuriosa confissão de uma paixão culpada. Ela é calma, é sensata e por demais discreta: queria a todo custo guardar segredo; mas não posso admitir semelhante insolência e creio que ocultá-la é o mesmo que ofendê-lo.

ELMIRE

Isso mesmo, sou de opinião que não se deve perturbar o sossego do marido com essas histórias vãs; pois não é disso que depende a honra: basta que saibamos defender-nos. São os meus sentimentos e você nada teria dito, Damis, se eu tivesse alguma influência sobre você. (43)

Cena VI

Orgon, Damis, Tartufo (44)

ORGON

Ó Céu, será verdade o que acabo de ouvir?

TARTUFO

Sim, meu irmão, sou mau, sou culpado, pecador infeliz, cheio de iniqüidade, o maior criminoso que já viveu; cada instante da minha vida está corrompido; ela nada mais é que um amontoado de crimes e de torpezas; e estou vendo que o Céu, para meu castigo, quer mortificar-me nesta ocasião. Seja qual for a acusação que me fizerem, não terei o orgulho de defender-me. Acredite no que lhe dizem, arme-se de cólera, e expulse-me de sua casa como um criminoso: par mais vergonha que eu sinta por causa disso, ainda é pouco.

ORGON *(ao filho)*

Ah! traidor, ousas macular-lhe a pureza da virtude com essa falsidade?

DAMIS

Como? A doçura fingida dessa alma hipócrita fálo-a desmentir...

ORGON

Cala-te, peste maldita!

TARTUFO

Ah! Deixe-o falar; o senhor acusa-o sem razão e seria muito melhor acreditar no que diz. Por que me ser tão favorável numa questão dessas? Afinal de contas, o senhor sabe do que sou capaz? Meu irmão, o senhor se fia em meu exterior? E, por tudo o que vê, julga-me melhor? Não, não: o senhor se deixa enganar pelas aparências; ai de mim, não nada do que imaginam; todos me tomam por um homem de bem; mas a pura verdade é que não valho nada. *(Dirigindo-se a Damis)* Sim, meu caro filho, fale; pode chamar-me de pérfido, infame, perdido, ladrão, homicida; cubra-me dos nomes mais terríveis; nada oponho a isso, eu os mereci; e quero de joelhos sofrer a ignomínia como uma vergonha devida aos crimes de minha vida.

ORGON *(a Tartufo)*

É demais, meu irmão. *(Ao filho)* Teu coração não se rende, traidor?

DAMIS

Como? As palavras dele seduzi-lo-ão a ponto de...

ORGON

Cala-te, celerado! *(A Tartufo)* Meu irmão, vamos, levanta-te, por favor! *(Ao filho)* Infame.

DAMIS

Será possível...

ORGON

Cala-te!

DAMIS

É de ficar louco de raiva! Como? Vou-me...

ORGON

Se disseres mais uma palavra, quebro-te os braços.

TARTUFO

Meu irmão, em nome de Deus, não fique furioso. Preferiria sofrer o castigo mais duro e vê-lo sofrer por minha causa o mais leve arranhão.

ORGON *(ao filho)*

Ingrato.

TARTUFO

Deixe-o em paz, Se for preciso pedir-lhe perdão de joelho...

ORGON *(A Tartufo)* (45)

Ai de mim! Está brincando? *(Ao filho)* Canalha, vê a bondade dele.

DAMIS

Então...

ORGON

Cala-te.

DAMIS

Como? Eu...

ORGON

Cala-te, estou dizendo. Sei muito bem o motivo que te obriga a atacá-lo; todos vocês o odeiam; e hoje vejo, mulher, filhos e criados, desencadeados contra ele. Impudentemente lançam mão de tudo, para expulsar de minha casa tão devota pessoa. Porém, quanto mais esforços fizerem para bani-lo daqui, mais me esforçarei para detê-lo. E apresso-me em dar-lhe a mão de minha filha para confundir o orgulho de toda a família.

DAMIS

Pensam obrigá-la a casar com ele?

ORGON

Sim, traidor, e nesta noite mesmo, para que vocês se danem. Ah! desafio a todos a mostrar-lhes-ei que devem me obedecer e que eu sou o senhor. Vamos, retratem-se e agora mesmo, tratante, pede-lhe perdão de joelhos.

DAMIS

Quem, eu? Deste sem-vergonha que, pelas suas imposturas...

ORGON

Então resiste, miserável, e ainda o injurias? *(A Tartufo)* Um cacete, um cacete! Não me segure! (46) *(Ao filho)* Vamos, sai imediatamente desta casa e nunca mais tenhas a audácia de pôr os pés aqui!

DAMIS

Sim, sairei; mas...

ORGON

Depressa, fora daqui! Canalha, vou desertar-te e, ainda por cima, te amaldiçoar.

Cena VII

Orgon, Tartufo.

ORGON

Ofender dessa maneira um verdadeiro santo!

TARTUFO

Ó Céu, perdoa-lhe a dor que me acusa! (47) *(A Orgon)* Se pudesse imaginar com que desgosto vejo que se esforçam por caluniar-me junto a meu irmão...

ORGON

Ai de mim!

TARTUFO

Só em pensar nesta ingratidão, minha alma passa por rude suplício... O horror que sinto... Tenho o coração tão amargurado que nem posso falar, e acho que vou morrer.

ORGON *(correndo em lágrimas para a porta por onde o filho saiu.)*

Canalha! Arrependo-me de não lhe ter metido a mão na cara, de não lhe ter dado uma surra aqui mesmo. Acalme-se, meu irmão, não se zangue.

TARTUFO

Vamos acabar, agora mesmo, com toda essa discussão. Estou vendo quanto incômodo provoco; meu irmão, acho que seria conveniente ir embora.

ORGON

Como? Você está brincando?

TARTUFO

Odeiam-me, e vejo que procuram fazê-lo suspeitar de minha fé.

ORGON

Que importa? O senhor acha que dou ouvidos ao que dizem?

TARTUFO

Mas, sem dúvida, não deixarão de prosseguir; e essas mesmas coisas que hoje o senhor não escuta, poderão, de outra vez, impressioná-lo.

ORGON

Não, meu irmão, nunca.

TARTUFO

Ah! meu irmão, a mulher pode muito facilmente surpreender a alma do marido.

ORGON

Não, não.

TARTUFO

Deixe-me sair daqui o mais depressa possível e tirar-lhes, assim, qualquer motivo para me atacarem.

ORGON

Não, o senhor ficará: sou eu quem o decide.

TARTUFO

Pois bem! É necessário, então, que me sacrifique. No entanto, se o senhor quisesse...

ORGON

Ah!

TARTUFO

Está certo: não falemos mais nisso. Mas sei como proceder em toda essa questão. A honra é delicada e a amizade me obriga a prevenir os rumores e motivos de suspeitas. Doravante, evitarei sua esposa e o senhor não me verá...

ORGON

Não, a despeito de todos, o senhor a verá freqüentemente. Minha maior alegria é encolerizar os outros, e quero que a todo o momento o vejam em sua companhia. E não é tudo: para que mais se danem, não quero ter outro herdeiro que não o senhor, e vou imediatamente fazer-lhe doação de todos os meus bens. Um amigo bom e franco, a quem tomo por genro, me é mais caro do que mulher, filho ou qualquer parente. O senhor aceitará o que lhe proponho?

TARTUFO

A vontade do Céu em tudo seja feita!

ORGON

Pobre homem! Vamos depressa firmar um documento e que a inveja arrebente de despeito!

ATO IV

Cena I

Cléante, Tartufo.

CLÉANTE

Isso mesmo, todo mundo comenta e, o senhor pode crer, o efeito desses comentários que lhe é favorável. E encontro-o, senhor, muito a propósito para dizer-lhe claramente o que penso. Não vou examinar a fundo o que dizem por ai; deixo isso de lado e encaro tudo da pior maneira possível. Suponhamos que Damis não tenha procedido bem e que seja erradamente que o acusa: não é próprio de um cristão perdoar as ofensas e apagar no coração qualquer desejo de vingança? E o senhor permite que, por sua causa, se exile um filho do lar paterno? Digo-lhe ainda e falo com franqueza, não há grande nem pequeno que não se escandalize; e creia-me, o senhor deveria pacificar a todos, sem levar ao fim todas essas questões. Sacrifique a Deus sua cólera e consiga que pai e filho façam as pazes.

TARTUFO

Ai de mim! De bom coração o faria: não guardo contra ele, meu senhor, qualquer rancor; perdôo-lhe tudo, de nada o censuro e quisera servi-lo com o melhor de minha alma; mas o interesse do Céu não poderia permiti-lo, e se ele entrar aqui, terei que sair. Depois do que ele fez, as relações entre nós trariam escândalo: sabe Deus o que todo mundo pensaria! Atribuiriam à pura política de minha parte; e todos diriam que, sentindo-me culpado, finjo zelo caridoso por quem me acusa, e que meu coração o teme e deseja poupá-lo, para poder obrigá-lo ao silêncio.

CLÉANTE

O senhor nos vem com desculpas bem coloridas e todas as suas razões são um tanto exageradas. Por que se encarrega o senhor dos interesses do Céu? Será que ele tem necessidade de nós para castigar o culpado? Deixe a ele, deixe-lhe o cuidado de vingar-se: Pense apenas no perdão que ele prescreve para a ofensa. Não leve em conta os julgamentos humanos, quando segue as ordens soberanas do Céu. Como? O simples interesse do que poderão pensar irá impedir a glória de uma boa ação? Não, não: façamos sempre o que o Céu prescreve e não nos preocupemos com outra coisa.

TARTUFO

Já lhe disse, senhor, que meu coração o perdoa, e já é fazer o que o Céu ordena; mas, depois do escândalo e da afronta de hoje, o Céu não manda que eu conviva com ele. (48)

CLÉANTE

E ordena-lhe, senhor, que dê ouvidos a um mero capricho pelo qual o pai se deixou levar, e que aceite o dom de um bem que vos é ofertado, quando o direito o obriga a não pretender coisa alguma?

TARTUFO

Os que me conhecerem não terão a impressão de que o fiz por interesse. Pouco atrativo têm para mim todos os bens deste mundo, não me deslumbro com seu brilho enganador, e se me resolvo a receber do pai doação que me quer fazer, é apenas, para dizer a verdade, por temer que essa fortuna toda venha a cair em mãos de gente ruim; ou então de pessoas que, recebendo-a, empreguem-na para fins criminosos, deixando de aplicá-la, conforme é do meu desígnio, para a glória do Céu e a felicidade do próximo. (49)

CLÉANTE

Ora essa, senhor, largue mão desses melindres que provocarão as queixas de um justo herdeiro; permita, sem querer embaraçá-lo, que seja possuidor de sua fortuna correndo o risco que a acompanha; e pense que vale mais vê-la mal empregada do que vir o senhor a ser acusado de lesá-lo. Admiro somente que não

se sinta contrafeito em aceitá-la, porque, afinal de contas, existe alguma máxima no zelo verdadeiro que obrigue a defraudar um herdeiro legítimo? E se acontece que o Céu lhe tenha posto no coração obstáculo invencível que o impeça de viver com Damis, não seria proferível que, como pessoa discreta o senhor se retirasse honestamente, a permitir, contra toda a razão, que por sua causa se expulse o filho de casa? Acredita-me, senhor, seria dar de sua probidade...

TARTUFO

Senhor já são três horas e meia: certo dever piedoso chama-me lá em cima e há de desculpar-me por deixá-lo tão cedo.

CLÉANTE

Ah!

Cena II

Elmire, Mariane, Dorine, Cléante.

DORINE

Por favor, meu senhor, empenhe-se conosco em favor: sua alma sofre dor mortal e o acordo que o pai concluiu para essa tarde faz com que, a todo instante, entre em desespero. Ele está quase chegando. Conjuguemos nossos esforços, eu lhe peço, e tentemos derrubar, à força ou mediante ardil, esse plano infeliz que nos preocupa a todos.

Cena III

Orgon, Elmire, Mariane, Cléante, Dorine.

ORGON

Ah! alegro-me bastante em vê-los juntos. *(A Mariane)* Trago nesse contrato algo que os fará rir e vocês já sabem o que quero dizer.

MARIANE *(de joelhos)*

Meu pai, em nome do Céu, que conhece minha dor, e por tudo que pode comover-lhe o coração, não faça valer tanto os direitos que tem sobre sua filha e dispense-me dos votos dessa obediência. Não me leve, por esta dura lei, a me queixar ao Céu do que lhe devo. Ai de mim! Não torne infeliz esta vida que o senhor me deu, meu pai. Se, contra uma doce esperança que pude alimentar, me proíbe de pertencer àquele a quem ouso amar, ao menos, por sua bondade, que de joelho imploro, salve-me do tormento de pertencer a quem detesto, e não me leve a um ato de desespero, desencadeando sobre mim todo o seu poder. (50)

ORGON *(sentindo-se enternecer)*

Vamos, fica firme, coração, nada de fraquezas humanas.

MARIANE

Não me faz sofrer sua ternura para com ele; manifeste-a, dê-lhe tudo o que tem, e, se não for bastante, junte também o meu; consinto-o de bom grado, mas, ao menos, não atinja a minha pessoa, e permita que um convento termine, com penitências, os tristes dias que o Céu me concedeu.

ORGON

Ah! São essas as religiosas, quando um pai lhes combate as chamas de amor! De pé! Quanto mais seu coração repugna aceit-a-lo, mais será para você motivo de merecimento. Mortifique seus sentidos com esse casamento, e não me dê dores de cabeça com esse assunto.

DORINE

Mas como?...

ORGON

Cale-se, você; fale aos de sua laia; proíbo-a terminantemente de pronunciar uma única palavra.

CLÉANTE

Se você permite que lhe responda com um conselho...

ORGON

Meu irmão, seus conselhos são os melhores do mundo. São muito razoáveis e dou-lhes grande importância; mas há de permitir que não faça uso deles.

ELMIRE *(ao marido)*

Vendo o que vejo, não sei mais o que dizer e sua cegueira faz-me admira-lo; é preciso estar muito enfeitiçado, muito obcecado por ele, para negar o que hoje se passou.

ORGON

Sou seu criado e acredito nas aparências. Conheço muito bem sua complacência para com o patife do meu filho e você teve medo de desmenti-lo, quando contra aquele pobre homem ele se indispôs; você estava tranqüila demais para merecer fé e devia mostrar-se mais comovida do que parecia estar.

ELMIRE

Será que pela simples confissão de um transporte amoroso nossa honra tenha que irritar-se tão fortemente? E só se pode responder a tudo o que a atinge com fogo nos olhos e injúria na boca? Eu, rio-me simplesmente de tudo isso, e não me agrada o escândalo a esse respeito. Prefiro que nos mostremos sensato com toda calma e não aprecio essas mulheres, ferozmente pudicas que têm a honra armada de garras e dentes, e à menor palavra querem desfigurar as pessoas. Que o

Céu me preserve de tal sabedoria! Desejo uma virtude que não seja endemoninhada, e creio que a discreta frieza de uma recusa não é menos poderosa para refletir um coração ardente. (51)

ORGON

Enfim, conheço o assunto e não vou ser logrado.

ELMIRE

Admiro, ainda uma vez, essa estranha fraqueza. Mas o que me responderia a sua incredulidade se eu lhe mostrasse que lhe dizemos a verdade?

ORGON

Mostrar?

ELMIRE

Sim.

ORGON

Lorotas.

ELMIRE

Mas como? Se eu achasse um meio de lhe mostrar claramente?

ORGON

Ridículo!

ELMIRE

Que homem! Ao menos me responda. Não espero que acredite em nós; mas suponhamos que, de um lugar conveniente lhe fizéssemos ver e ouvir tudo, que diria então do seu homem de bem?

ORGON

Nesse caso, diria que... Não diria nada, pois isso não pode acontecer.

ELMIRE

O erro já durou muito, é demais condenar minha boca como impostora. É preciso que, por prazer e sem ir mais longe, você seja testemunha de tudo o que lhe disse.

ORGON

Está bem: aceito a proposta. Veremos sua habilidade, e como poderá cumprir a promessa.

ELMIRE

Chame-o.

DORINE

Ele é muito astuto, e talvez não seja fácil surpreende-lo.

ELMIRE

Não creio: somos facilmente enganados pelos que amamos, e o amor-próprio faz com que nos enganemos a nós mesmos. *(Falando a Cléante e a Mariane)* Cahamem-no e todos os outros se retirem.

Cena IV

Elmire, Orgon.

ELMIRE

Aproximemos essa mesa e meta-se debaixo dela. (52)

ORGON

Como?

ELMIRE

É necessário esconder-se bem?

ORGON

Por que debaixo da mesa?

ELMIRE

Ah! meu Deis! Deixe: tenho um plano e você vai ver. Ponha-se aí, estou dizendo; e uma vez aí embaixo, procure fazer com que não o vejam nem o ouçam.

ORGON

Devo confessar que é grande a minha complacência; mas enfim, preciso ver você sair-se desse negócio.

ELMIRE

Acredito que você não terá nada a replicar. *(Ao marido que está debaixo da mesa)* Pelo menos, vou abordar assunto bem estranho não se escandalize de maneira alguma. Deve permitir-me que diga seja lá o que for, somente com o intuito de convencê-lo da verdade, conforme prometi. Desde que sou obrigada a tanto, por meio de palavras meigas, vou desmascarar essa alma hipócrita, lisonjear os desejos descarados de seu amor, deixando-lhe campo livre para todas as temeridades. Como é só para você e para melhor confundi-lo que o meu coração vai fingir corresponder-lhe aos votos, terei que cessar desde que você se renda e a situação só se prolongará até onde você quiser. Cabe a você sustar seu ardor insensato, quando você julgar que o caso está por demais adiantado, poupando sua mulher e não expondo-a senão ao que for necessário para tira-lo do engano: trata-se dos seus interesses. Você será o senhor da situação e... Alguém se aproxima. Contenha-se e não se deixe ver.

Cena V

Tartufo, Elmire, Orgon.

TARTUFO

Disseram-me que queria falar-me.

ALMIRE

Sim, tenho segredos a revelar-lhe. Mas, antes de fazê-lo, feche a porta e olhe bem em volta para evitar surpresas. Certamente não nos convém que se repita situação semelhante à de há pouco. Nunca levei tamanho susto; tive muito medo de Damis, por sua causa, e o senhor viu bem que esforcei-me para fazê-lo mudar de idéia, tentei acalmá-lo. É verdade que fiquei tão perturbada que nem mesmo tive a idéia de desmenti-lo. Mas, graças a Deus, tudo terminou bem, sentindo-se, agora, maior segurança. A consideração que tem por você dissipou a tempestade e meu marido, nem por sombras, tem ciúmes do senhor: para desafiar as más línguas, quer que estejamos juntos a todo instante; e é por isso que posso, sem temer que me reprovem, encontrar-me aqui fechada com o senhor, com a liberdade de abrir-lhe o coração talvez demasiado pronto a aceitar o seu. (53)

TARTUFO

É difícil compreender sua linguagem, minha senhora: ainda há pouco falava de outra maneira.

ELMIRE

Ah! se o senhor está zangado por causa daquela recusa como conhece mal o coração de uma mulher! E como entende pouco o que ele quer dizer quando se defende tão francamente! Nesses momentos, nosso pudor sempre luta contra o que pode nos dar ternos sentimentos. Por mais que se encontre uma razão para o amor que nos domina, sempre temos um pouco de vergonha em confessá-lo. A princípio, defendemo-nos dele, mas pela nossa expressão, percebe-se logo que o coração se está rendendo, que a nossa boca se opõe a nossos anseios apenas por um sentimento de honra, e que tais recusas tudo prometem, Sem dúvida, faço uma confissão bastante livre, deixando de lado nosso pudor. Mas, afinal, já que comecei a falar, teria eu me esforçado para reter Damis, teria, pergunto-lhe, escutado longamente e com tanta doçura o oferecimento do seu coração, teria encarado a questão conforme viram que fiz, se aquele oferecimento não chegasse a me agradar. E quando eu mesma quis forçá-lo a recusar o casamento que acabavam de anunciar, que é que o senhor deveria ter compreendido por essa insistência, senão que o interesse que lhe demonstram e o aborrecimento que se teria com esse casamento assim resolvido, viria pelo menos partir um coração que se quer por inteiro? (54)

TARTUFO

Minha senhora, é sem dúvida uma alegria imensa ouvir tais palavras da boca amada; o mel que destila provoca em todos os meus sentidos suavidade como jamais senti. O meu esforço supremo consiste na felicidade de agradá-la, e a bem-aventurança de meu coração reside nos seus sentimentos, mas esse coração pede a liberdade de pôr em dúvida, tanta felicidade. Sou levado a supor que tais palavras representam honesto artifício para obrigar-me a romper o casamento que se aproxima; e se devo explicar-me com a senhora com toda a liberdade, não me fiarei em palavras tão doces, sem que um pouco dos seus favores, pelos quais tanto suspiro, venha assegurar-me de tudo quanto puderam dizer-me, implantando-me na alma fé constante nas bondades encantadores que acaba de dispensar-me.

ELMIRE *(tossindo para advertir o marido)*

Como? O senhor quer ir tão depressa, esgotando logo de início a ternura de um coração. Alguém se mata para fazer-lhe a confissão mais terna, mas o senhor ainda não se contenta, e não se pode satisfazê-lo senão levando a questão até os últimos favores?

TARTUFO

Quanto menos se merece um bem, menos se ousa esperá-lo. Nossos desejos não podem fiar-se em palavras. É muito fácil suspeitar de uma felicidade cheia de glória, e logo se quer gozá-la antes de crer nela. Quanto a mim, que creio merecer tão pouco suas bondades, duvido da felicidade de minhas temeridades; (55) e não acreditarei em nada, minha senhora, antes que tenha sabido convencer meu amor com realidades.

ELMIRE

Meu Deus, seu amor é um verdadeiro tirano, e lança-me o espírito em estranha confusão! Que império furioso exerce sobre os corações e com que violência quer o que deseja! Como? Ninguém pode livrar-se de sua insistência, e não se tem nem tempo de respirar? Fica bem ser tão rigoroso, querer a todo custo tudo quanto se pede, e assim acusar por esforços insistentes do fraco que o senhor vê que têm as pessoas pelo senhor?

TARTUFO

Mas se a senhora vê com simpatia minhas homenagens, por que recusar-me testemunhos seguros?

ELMIRE

Mas, como consentir no que o senhor quer, sem ofender o Céu, de quem sempre fala?

TARTUFO

Se é somente o Céu que se opõe aos seus anseios, pouco representa para mim obviar a essa dificuldade, e isso não deve deter seu coração.

ELMIRE

Mas dão-nos tanto medo as sentenças do Céu!

TARTUFO

Posso dissipar-lhe esses temores ridículos, minha senhora, pois conheço a arte de afastar os escrúpulos. De fato, o Céu proíbe certos contentamentos; *(é um celerado que fala)* mas sempre se acha uma maneira de acomodar; conforme necessidades diversas existe uma ciência destinada a estender os liames de nossa consciência e retificar o mal da ação com a pureza da intenção. (56) Saberemos revelar-lhe esses segredos, minha senhora; tem somente que se deixar levar. Satisfaça-me o desejo e não tenha receio: respondo-lhe por tudo, e assumo todo mal. A senhora está tossindo muito.

ELMIRE

Sim, isto é um suplício.

TARTUFO

Aceitaria uma bala de alcaçuz? (57)

ELMIRE

É um resfriado persistente, sem dúvida, e todas as balas do mundo não ajudariam.

TARTUFO

De fato é bastante incômodo.

ELMIRE

Isto mesmo, mais do que pode supor.

TARTUFO

Enfim, é fácil destruir seu escrúpulo: posso garantir-lhe um segredo absoluto; o mal está apenas no escândalo que se faz; este é que faz o mal e não é pecar fazê-lo em silêncio.

ELMIRE *(tossindo mais uma vez)*

Enfim, vejo que tenho que decidir-me a ceder; que devo consentir em conceder-lhe tudo, e que, não sendo assim, não devo pretender que possa estar contente, e que se queira entregar. Sem dúvida, é penoso chegar a esse ponto e é contra a vontade que dou tal passo; mas, já que se obstina em querer reduzir-me a tanto, sem querer acreditar em tudo o que possa dizer-lhe, exigindo-me provas mais convincentes, tenho, enfim, que resolver-me e contentá-lo. Se tal consentimento importar em alguma ofensa, tanto pior para quem me força a tal violência: pois certamente não me cabe a culpa.

TARTUFO

Sim, senhora, tomo-a a mim e a coisa em si...

ELMIRE

Abra um pouco a porta e veja, por favor, se meu marido não está nesse corredor.

TARTUFO

Que necessidade tem ele da precaução que a senhora toma? Cá entre nós, trata-se de um sujeito que se pode levar pelo nariz; é capaz de vangloriar-se de todos os nossos colóquios e eu o puz em condições de ver tudo sem acreditar em nada.

ELMIRE

Não importa: por favor, saia um momento, e examine tudo cuidadosamente.

Cena VI

Orgon, Elmire.

ORGON *(saindo de baixo da mesa)*

Que homem abominável, tenho que confessá-lo. Custa-me mesmo a crer e estou desconcertado.

ELMIRE

Como? Já saiu? Você está brincando. Volte lá para debaixo, ainda não chegou a hora; espere até o fim para ter a certeza e não se fie em simples conjeturas.

ORGON

Não, ainda não saiu do inferno pessoa pior.

ELMIRE

Meu Deus! Não acredite em nada sem provas. Deixe-se convencer antes de entregar os pontos e não se apresse para não se enganar. *(Faz com que o marido se esconda por trás dela.)*

Cena VII

Tartufo, Elmire, Orgon.

TARTUFO

Minha senhora, tudo conspira para meu contentamento: visitei cuidadosamente todo esse apartamento; não há ninguém e minha alma encantada...

ORGON *(interrompendo-o)*

Vamos mais devagar! O senhor está-se deixando arrastar muito depressa pelos seus desejos amorosos e não devia apaixonar-se tanto. Ah! Ah! o homem de bem! Queria enganar-me, não! Como sua alma se entrega facilmente às tenta-

ções! Desposava-me a filha e ainda cobiçava minha mulher! Por muito tempo duvidei que fosse verdade, e sempre acreditei que afinal mudasse de tom; mas é levar bastante longe as provas: o que acabo de ver é suficiente para mim, não preciso mais.

ELMIRE *(A Tartufo)*

Foi contra a minha vontade que fiz tudo isso, mas vi-me forçada a tratá-lo dessa maneira.

TARTUFO

Como? O senhor acredita?

ORGON

Vamos, nada de barulho, por favor. Ponha-se pela porta a fora sem qualquer cerimônia.

TARTUFO

Eu desejava apenas...

ORGON

Estas palavras não tem mais sentido... O senhor deve sair imediatamente desta casa.

TARTUFO

É o senhor quem tem que sair, embora fale como dono: (58) esta casa me pertence, hei de mostrar-lhe e vou mostrar-lhe também que é inútil lançar mão desses meios indiretos, covardes; vocês não estão onde pensam quando me injuriam: tenho com que confundir e castigar a impostura, vingar o Céu que se ofende, e fazer com que se arrependam aqueles que pretendem fazer-me sair. (59)

Cena VIII

Elmire, Orgon.

ELMIRE

Que significam essas palavras? O que é que ele quer dizer?

ORGON

Palavra, estou confuso e não tenho vontade de rir.

ELMIRE

Como?

ORGON

Vejo meu erro nas coisas que ele diz, e a doação (60) atrapalha-me.

ELMIRE

A doação...

ORGON

Sim, é negócio liquidado, mas ainda há outra coisa que me inquieta.

ELMIRE

Qual é?

ORGON

Você ficará sabendo de tudo. Mas, antes, vamos ver se certo cofre ainda está lá em cima.

ATO V

Cena I

Orgon, Cléante.

CLÉANTE

Onde vai com tanta pressa?

ORGON

Ai de mim! O que sei!

CLÉANTE

Parece-me que devemos começar a estudar juntos o que se pode fazer agora.

ORGON

Estou totalmente transtornado por causa daquele cofre: ele me desespera mais do que todo o resto.

CLÉANTE

Então, esse cofre é um mistério importante?

ORGON

É um depósito que o próprio Argas, esse amigo que tanto prezo, me pôs entre as mãos, ele próprio, com grande segredo. Quando teve que fugir, escolheu-me para isso; pelo que me pôde dizer, são papéis que lhe dizem respeito à vida e aos bens.

CLÉANTE

Por que, então, colocá-los entre outras mãos?

ORGON

Foi por um caso de consciência. E eu fui diretamente comunicar o fato a esse traidor que convenceu-me de que era preferível dar-lhe o cofre, a fim de que, para

negar, caso fizessem alguma investigação, e tivesse um pretexto que me permitisse fazer juramentos que não atingisse minha consciência. (61)

CLÉANTE

Você está em maus lençóis, pelo que parece. A doação e essa confidencia são,no meu parecer, coisas muito levianas. As vantagens que esse homem tem sobre você podem levá-lo longe com tais compromissos, e será imprudência atacá-lo. Você devia procurar um expediente mais suave.

ORGON

Como? Sob aparência de fervor tão comovente esconde um coração tão dúplice, uma alma tão perversa! E eu que o recebi mendigando e sem nada... Acabou-se, renuncio a todas as pessoas de bem: doravante, sentirei por elas aversão tremenda. Serei para eles pior do que um demônio.

CLÉANTE

Ora essa! Não será isso mais um de seus arrebatamentos! Em nada você conserva a calma. A sua razão nunca toma o caminho do bom senso, passando sempre de um extremo ao outro. Você viu o erro ainda maior, confundindo o coração de todas as pessoas de quem com o de um pérfido tratante? Como? Porque um patife o engana com audácia debaixo do brilho pomposo de austera máscara, você quer que todos sejam feitos por esse modelo e que não exista hoje um devoto verdadeiro? Deixe aos libertinos conclusões tão tolas; é preciso separar a virtude das aparências, não arrisque nunca conceber sua amizade muito apressadamente e, para isso, fique sempre no meio-termo: livre-se, se for possível, de honrar a impostura, mas por outro lado não vá ofender o verdadeiro zelo. E se acontecer pender para uma extremidade. Será preferível pecar por esse lado.

Cena II

Damis, Orgon, Céante

DAMIS

Como? Será verdade, meu pai, que o malandro o ameaça? Não há benefícios que não esqueça e seu orgulho covarde, digno de cólera, utiliza suas bondades como armas contra o senhor?

ORGON

Sim, meu filho, e com isso sinto um pesar sem limites.

DAMIS

Deixe, vou cortar-lhe as duas orelhas. Não se deve fraquejar ante tal insolência. Cabe a mim livrá-lo dessa ameaça e, para liquidar logo o assunto, vou moê-lo de pancada.

CLÉANTE

É a isso que se chama raciocinar como criança. Por favor, acalme esses brilhantes arrebatamentos. Vivemos num reino e num tempo em que acabam mal os negócios resolvidos com violência.

Cena III

Senhora Pernelle, Mariane, Elmire, Dorine, Damis, Orgon, Cléante.

SENHORA PERNELLE

O que foi? Acabo de saber de coisas impossíveis!

ORGON

São novidades que testemunhei com meus próprios olhos, e a senhora está vendo como foram pagos os meus cuidados. Acolho um homem na miséria, dou-lhe casa e comida, trato-o como a um próprio irmão; todo dia, cumulo-o de benefícios; dou-lhe a mão de minha filha e todos os bens que possuo; e, enquanto isso, o pérfido, o infame tenta o negro projeto de seduzir-me a esposa e, não contente com a tentativa infame ousa ameaçar-me com os meus próprios benefícios e quer arruinar-me com as vantagens com que acaba de armá-lo minha bondade muito pouco sensata, expulsar-me de meus bens que em má hora lhe transferi e reduzir-me à situação de que o tirei.

DORINE

Pobre homem!...

SENHORA PERNELLE

Meu filho, não posso de maneira alguma crer que ele tenha podido cometer ação tão negra.

ORGON

Como?

SENHORA PERNELLE

Há sempre quem inveje as pessoas de bem.

ORGON

Que é que a senhora quer dizer com essas palavras, minha mãe?

SENHORA PERNELLE

Quero dizer que, em sua casa, vice-se de maneira muito estranha e todos sabem o ódio que lhe dedicam aqui.

ORGON

Que tem a ver esse ódio com o que lhe estou dizendo:

SENHORA PERNELLE

Disse-lhe mais de cem vezes quando você era pequeno: a virtude é sempre perseguida no mundo. Os invejosos morrem, mas a inveja nunca.

ORGON

Mas o que têm a ver essas palavras com o que está acontecendo hoje?

SENHORA PERNELLE

Inventaram-lhe uma dúzia de histórias contra ele.

ORGON

Já lhe disse que eu mesmo vi tudo.

SENHORA PERNELLE

A malicia dos maldizeres é extrema.

ORGON

A senhora começa a exasperar-me, minha mãe. Digo-lhe que vi com os próprios olhos esse crime ousado.

SENHORA PERNELLE

As más línguas sempre têm veneno a destilar, e nada pode defender-nos dele aqui na terra.

ORGON

Mas essa é uma opinião desprovida de senso. Eu o vi, estou-lhe dizendo, vi com meus próprios olhos, o que se chama ver: será preciso repeti-lo cem vezes e gritar por dez?

SENHORA PERNELLE

Meu Deus! A aparência engana quase sempre: vê-se ter cuidado em não julgar pelo que se vê.

ORGON

Fico doido!

SENHORA PERNELLE

A natureza está sujeita à falsas suspeitas e muitas vezes se interpreta o bem pelo mal.

ORGON

Devo interpretar como preocupação caridosa o desejo de beijar-me a mulher?

SENHORA PERNELLE

Para acusar as pessoas, deve-se ter motivo justo e você devia esperar para ter absoluta certeza.

ORGON

Arre, diabos! Qual o meio de me certificar? Então, minha mãe, eu devia ter esperado que, a meus olhos... A senhora obriga-me a dizer asneiras.

SENHORA PERNELLE

Enfim, via-se como sua lama estava penetrada de puro zelo e de modo algum posso imaginar que tivesse tentado tudo que você diz.

ORGON

Vamos, se a senhora não fosse minha mãe, nem sei o que lhe faria, tanta é a minha cólera.

DORINE

Meu senhor, é a justa compreensão das coisas do mundo: o senhor não queria acreditar e agora não acreditam no que diz.

CLÉANTE

Estamos perdendo momentos preciosos com bagatelas: seria melhor tomarmos as medidas necessárias. Não se pode ficar dormindo enquanto o patife nos ameaça.

DAMIS

Como? A ousadia dele iria até esse ponto?

ELMIRE

Para mim, não acho isso possível e sua ingratidão é demais visível neste caso.

CLÉANTE

Não se fie nisso: talvez ele tenha meios ocultos (62) que lhe justifiquem os esforços contra você e, por muito menos, há quem fique envolvido em terríveis complicações pelo peso de maquinação bem feita. Digo-lhe mais uma vez: com as armas de que ele dispõe, você nunca deveria levá-lo até esse ponto.

ORGON

É verdade; mas o que devo fazer? Não fui senhor de meus ressentimentos ante o orgulho daquele traidor.

CLÉANTE

Desejaria, de bom grado, que se tentasse restabelecer a paz entre os dois.

ELMIRE

Se eu soubesse que ele tinha tais armas em mão, não teria dado motivo a tanto alarme; e meus...

ORGON

Que quer esse homem? (63) Vejam o que é. Estou mesmo em condições de receber alguém.

Cena IV

Senhor Loyal, Senhora Pernelle, Orgon, Damis, Mariane, Dorine, Elmire, Cléante.

SENHOR LOYAL

Bom dia, cara irmã; peço-lhe que me leve ao dono da casa.

DORINE

Ele está ocupado e duvido muito que neste momento possa receber alguém.

SENHOR LOYAL

Não vim até aqui para importuná-lo. Minha visita, acho, não terá de desagradável e venho por um motivo que lhe dará grande satisfação.

DORINE

Seu nome?

SENHOR LOYAL

Diga-lhe somente que venho da parte do senhor Tartufo, para seu bem.

DORINE

É um homem que vem, com maneiras gentis, da parte de senhor Tartufo, para negócios, diz ele, que lhe trará grande satisfação.

CLÉANTE

Você deve ver esse homem e o que pode querer.

ORGON

Talvez venha para nos reconciliar. Que atitude devo ter para com ele?

CLÉANTE

Seu ressentimento não deve transparecer; e se falar de acordo, deve ouvi-lo.

SENHOR LOYAL

Salve, senhor. Que o Céu cause a perdição daquele que pretende prejudicá-lo e lhe seja favorável tanto quanto o desejo!

ORGON

Esse começo agradável coincide com a minha opinião e já deixa prever a possibilidade de um entendimento.

SENHOR LOYAL

Sempre me foi cara toda a sua casa e em outros tempos trabalhei para o senhor seu pai.

ORGON

Senhor, estou envergonhado e peço-lhe perdão por não reconhecê-lo nem saber seu nome.

SENHOR LOYAL

Meu nome é Loyal, natural da Normandia, (64) sou meirinho real, (64) aliás contra a minha vontade. Faz já quarenta anos, graças a Deus, que tenho a felicidade de

exercer o cargo com muita honra; e venho, senhor com a sua licença, trazer-lhe a intimação (66) de certo mandado... (67)

ORGON

Como? O senhor está aqui...?

SENHOR LOYAL

Senhor, não se exalte: trata-se somente de uma citação, uma ordem para o senhor deixar esta casa, o senhor e todos os seus, pôr os móveis na rua para dar lugar a outros, sem demora nem adiamento, como convém...

ORGON

Eu, sair daqui?

SENHOR LOYAL

Sim senhor, por favor. Agora a casa, como sabeis, aliás, pertence sem contestação ao com senhor Tartufo. Doravante ele é dono e senhor de seus bens, em virtude de um contrato que trago aqui: está em perfeita ordem e nada se lhe pode opor.

DAMIS

Certamente, é grande essa impudência e muito admiro.

SENHOR LOYAL

Senhor, não tenho negócios com o senhor; mas sim com o dono da casa. Ele é sensato e calmo e sabe muito bem qual o papel de um homem de bem, para querer opor-se à justiça.

ORGON

Mas...

SENHOR LOYAL

Senhor, sei que nem por um milhão o senhor há de querer revoltar-se, e que, como pessoa honesta, irá permitir que eu execute as ordens que me deram.

DAMIS

Você bem poderia levar umas bordoadas nessa casaca preta, senhor meirinho de vara.

SENHOR LOYAL

Faça com que seu filho se cale ou se retire, senhor. Lastimaria ter de apor seu nome aqui e vê-lo citado nos autos.

DORINE

Este senhor Loyal tem um ar bastante desleal! (68)

SENHOR LOYAL

Tenho grande consideração por todas as pessoas de bem, e pode ficar certo, senhor, de que me encarreguei desse assunto para ser-lhe agradável e prestar-lhe um servi-lo, e para aceitar que fosse parar às mãos de alguém que, não tendo pelo senhor o zelo que me impele, poderia proceder de maneira menos agradável.

ORGON

E que poderia haver de pior do que obrigar alguém a sair de sua própria casa?

SENHOR LOYAL

Ser-lhe-á dado tempo, senhor, e sustarei a execução do mandato até amanhã. Somente passarei aqui à noite com dez dos meus subordinados, sem fazer escândalo ou barulho. Devem entregar-me, por favor, antes de dormir, as chaves da porta, apenas como formalidade. Terei cuidado em não perturbar-lhes o repouso e nada permitirei que não seja conveniente. Mas, amanhã de manhã, será preciso que tudo retirem daqui de dentro: meus homens os ajudarão e os escolhi bom fortes para que não haja dificuldade em pôr tudo para fora. Penso que não se poderia proceder melhor e, como o estou tratando com grande indulgência, peço-lhe também, senhor, que me trate de igual maneira e que em nada me dificultem no desempenho de minha missão.

ORGON

De todo o coração, daria imediatamente os cem mais belos luíses de tudo o que me resta para poder amarrotar-lhe o focinho.

CLÉANTE

Deixe, não vamos estragar tudo.

DAMIS

Não posso admitir esse desaforo e começo a sentir minha mão a formigar.

DORINE

Com umas costas tão largas, senhor Loyal, algumas porretadas não lhe ficariam mal.

SENHOR LOYAL

Poder-se-ia punir muito bem essas palavras infames, minha cara; as mulheres podem ser autuadas também.

CLÉANTE

Vamos acabar com isso, senhor. Basta! Dê-nos esse papel e, por favor, retire-se.

SENHOR LOYAL

Até à vista. Que o Céu lhes alegre o coração!

ORGON

Que ele possa confundir-te, a ti e a mim e a quem te manda!

Cena V

Orgon, Cléante, Mariane, Elmire, Senhora Pernelle, Dorine, Damis.

ORGON

Agora sim, minha mãe, a senhora pode ver se tenho ou não razão; podeis julgar tudo Poe essa notificação: pode tomar conhecimento de todas as suas traições.

SENHORA PERNELLE

Não encontro palavras e caio das nuvens!

DORINE (69)

Não tem razão de se queixar, nem tampouco de o acusarem, pois com isso são confirmados todos os seus piedosos desígnios: a virtude dele manifesta-se no amor ao próximo. Ele sabe perfeitamente que a fortuna corrompe os homens e, por pura caridade, quer tirar-lhes tudo quando possa representar qualquer obstáculo à salvação eterna.

ORGON

Cale-se. É a única coisa que é preciso dizer-lhe.

CLÉANTE

Vamos ver o que deves fazer.

ELMIRE

Vamos denunciar a audácia desse ingrato. Esse procedimento destrói a virtude do contrato; e sua deslealdade se revelará tão negra que nunca conseguirá o que pretende.

Cena VI

Valère, Orgon, Cléante, Elmire, Mariane etc.

VALÈRE

Lastimo muito, senhor, ter de incomodá-lo, mas tenho de fazê-lo devido ao perigo iminente que corre. Um amigo, pelo qual tenho grande amizade, e que sabe como me interesso pelo senhor, a meu favor, dando um passo arriscado, violou o segrego que se deve aos negócios de Estado e acaba de enviar-me um aviso que o obriga a fugir imediatamente. Faz uma hora, o velhaco que foi capaz de enganá-lo durante tanto tempo, acusou-o perante o príncipe, entregando-lhe o importante cofre de um criminoso de Estado, cujo segredo culposo o senhor guardou, desprezando o dever de súbito. Não conheço os detalhes do crime que lhe atribuem; mas já expediram ordem de prisão contra sua pessoa e ele mesmo, para melhor executá-la, encarregou-se de acompanhar aquele que o deve prender.

CLÉANTE

Os direitos dele estão armados. É por esse meio que o traidor procura tornar-se senhor dos seus bens.

ORGON

Confesso-lhe que o homem é um rematado patife!

VALÈRE

A menor demora pode ser-lhe fatal. Para conduzi-lo tenho o meu carro à porta, juntamente com mil luíses que aqui lhe trago. Não percamos mais tempo: o golpe é irremediável; só fugindo podemos evita-lo. Ofereço-me para leva-lo a lugar seguro, e acompanha-o na fuga até o fim.

ORGON

Ai de mim! O que não fico devendo a tais cuidados! Espero ter ocasião de agradecer-lhe suficientemente e peço ao Céu que me seja bastante favorável para um dia poder reconhecer-lhe precioso serviço. Adeus para todos! Tomem cuidado...

CLÉANTE

Vá depressa. Faremos o que for preciso, meu irmão.

Última Cena

O oficial, Tartufo, Valère, Orgon, Elmire, Mariane, etc.

TARTUFO

Devagar, meu senhor, devagar; não corra tanto. Não terá de ir longe para encontrar abrigo e dou-lhe ordem de prisão da parte do príncipe.

ORGON

Traidor, guardava este golpe para o fim. Celerado, é com esse golpe que você se desembaraça de mim, coroando afinal todas as suas perfídias.

TARTUFO

As suas injurias não poderão irritar-me, e o Céu me ensinou a tudo suportar.

CLÉANTE

Ainda é grande a moderação, palavra!

DAMIS

Como o infame zomba impudentemente do Céu!

TARTUFO

Todos esses arrebatamentos não poderiam comover-me; só penso em cumprir o meu dever.

MARIANE

O senhor, com o que está fazendo, deve ter pretensão a grandes glórias; sem dúvida, considera honesta essa função.

TARTUFO

Não poderia deixar de ser gloriosa uma função, quando parte do poder que aqui me envia.

ORGON

Mas você não se lembra, ingrato, que foi minha mão caridosa que o tirou de situação miserável?

TARTUFO

Sim, sei muito bem o socorro que dela recebi, mas o interesse do príncipe é meu primeiro dever; a justa violência desse dever sagrado sufoca-me no coração qualquer reconhecimento e a tão poderosos laços sacrificaria amigo, mulher, pais e a mim mesmo com eles.

ELMIRE

Impostor!

DORINE

Como ele sabe, traiçoeiramente, preparar-se um belo manto com tudo o que se venera!

CLÉANTE

Mas, se é tão perfeito, como você declara, esse zelo que o faz agir e com o qual você se orna, qual a razão par que, para manifestar-se, esperou que ele tivesse ocasião de surpreendê-lo a perseguir-lhe a esposa e como é que você só pensa em denunciá-lo quando a honra dele ultrajada obriga-o a pô-lo fora de casa? Não lhe falo, para desviar-lhe a atenção, da doação de toda a sua fortuna que acabava de fazer-lhe; mas, querendo tratá-lo agora como culpado, por que consentiu em receber algo dele?

TARTUFO *(ao oficial)*

Livre-me, senhor, dessa conversa fiada e digne-se cumprir a ordem de prisão.

O OFICIAL

Sim, sem dúvida estou demorando muito a cumpri-la: a sua própria boca convida-me muito a propósito a fazê-lo e, para executá-la, siga-me imediatamente para a prisão que se deve dar-lhe por morada.

TARTUFO

Quem, eu, senhor?

O OFICIAL

Sim, o senhor. (70)

TARTUFO

Por que me prende?

O OFICIAL

Não é ao senhor que teria de dar explicações. Restabeleça-se, senhor, de susto tão forte. Vivemos num reinado de um príncipe inimigo da fraude, que sabe olhar para dentro dos corações, e que não pode deixar-se enganar pela arte dos impostores. A grande alma que possui, provida de fino discernimento, leva-o sempre a ver tudo com justeza; nada consegue nela acesso exagerado e sua razão não se deixa levar a qualquer excesso, proporciona às pessoas honestas glória imortal, mas faz brilhar tal zelo, sem cegueira, e o amor pelos que são verdadeiros não lhe fecha o coração a todo o horror que os falsos devem causar. Este não conseguiria surpreendê-lo e tem-se visto como sabe defender-se de ciladas mais sutis. A princípio penetrou, pela lucidez de que é dotado, toda a covardia dos refolhos de seu coração. Tendo ido para acusar o senhor, traiu-se a se mesmo e, por um justo lance de suprema equidade, revelou-se ao príncipe como renomado velhaco, a respeito do qual já tinha informações com outro nome. E é longo o detalhe de todas as suas negras ações com que se poderiam formar volumes de histórias. Em uma palavra, o monarca detestou a ingratidão covarde e a deslealdade demonstrada por ele contra o senhor; juntou aos seus outros horrores mais esta série e somente me submeteu a ser guiado por ele até aqui para ver sua impudência ir até o fim e, por meio dele, fazer o senhor plena justiça. Sim, senhor, ele quer que eu despoje o traidor de todos os papéis que lhe pertencem dos quais se diz dono. Com soberano poder, anula os compromissos do contrato que o tronou dono de todos os bens seus em enfim, perdoa-lhe a ofensa secreta em que ocorreu por causa da fuga de um amigo; e tal é o premio que concede ao zelo com que outrora se viu o senhor apoiar-lhe os direitos, para mostrar que o coração dele sabe, quando menos se imagina, recompensar uma boa ação, que nunca o mérito perde nada com ele e que sabe lembrar-se do bem mais do que do mal.

DORINE

Que o Céu seja louvado!

SENHORA PERNELLE

Já agora se respira!

ELMIRE

Sucesso favorável!

MARIANE

Quem poderia tê-lo imaginado?

ORGON *(a Tartufo)*

Então! Traidor, estás em boa...

Cléante

Ah! meu irmão, detenha-se, não desça a indignidades; deixe este desgraçado entregue ao próprio destino e não se alie ao remorso que o deve estar acabrunhando; deseje-lhe, ao contrário, que neste dia possa o seu coração voltar ao seio da virtude, que corrija a vida detestando o vício, e possa suavizar a justiça do príncipe, enquanto você irá agradecer-lhe de joelhos tão bondoso tratamento.

ORGON

Sim, tem razão. Vamos louvar aos seus pés com alegria as bondades que seu coração derrama sobre nós. Depois, desobrigados desse primeiro dever, será preciso voltarmo-nos para outro, coroando em Valère, por doce enlace, a chama de amante generoso e sincero.

Fim

Notas de Robert Jouanny:

1. Béjart, o coxo, desempenhava o papel da Senhora Pernelle (geralmente, os homens interpretavam os papéis de velhas). Molière era Orgon e Armande representava Elmire. Du Croisy, gordo, embonecado e guloso, interpretava Tartufo.

2. Donde tirou Molière a idéia desse nome tão admirável? Cita-se um panfleto de 1609, onde Tartufo parece significar mentiroso, charlatão. Costuma-se associar esse nome à palavra arcaica *truffer* (enganar). Tartufo foi também o nome de um ator italiano (disforme e redondo como uma trufa). Scarron havia chamado seu hipócrita Montufar, por uma mesma preocupação feliz de sonoridade expressivas. Panulphe (o *Tartufo* de 1667) e o Gnuphre de La Bruyère evocam a mesma doçura fictícia.

3. Ao lado de nomes de ressonância grega das outras personagens, como convém na boa comédia, esse de Plipote é simplesmente o prenome da criada que interpretava o papel (diminutivo de glorioso nome de batismo, Philippine, Philippote, Flipote).

4. Como para Flipote, Dorine é um nome verdadeiro, diminutivo de Théodorine.

5. Dorine não é uma criada, mas uma dama de companhia, sem dúvida instalada na casa desde o tempo da primeira mulher de Orgon. Donde sua familiaridade com o patrão, seua autoridade sobre Mariane, seu gênio para a intriga, e a reserva de Elmire com relação a ela.

6. A primeira mulher de Orgon. (N. do T.)

7. Isto é, seu modo de trajar luxuoso.

8. Essa fala de Dorine teria sido dita por Cléante, no *Tartufo* de 1667, segundo a *Lettre sur l'Imposteur.* Cf. Bourdaloue: "Desde que tal mulher empunhou o estandarte da devoção, parece que ela se tornou impecável, e que todos os outros se tornaram pecadores cheios de defeitos".

9. Parte de seu serão a respeito da tagarelice das mulheres. Ela se prepara para repetir, quando surpreende o sorriso irônico de Cléante.

10. Essa palavra não tem nenhum sentido de familiaridade ou desprezo.

11. No tempo da Fronda, Orgon tinha mostrado sua sensatez e sua lealdade para com o rei. Esse detalhe prepara o desenlace e estabelece nitidamente, desde o início da peça, que, antes da chegada de Tartufo, Orgon era homem de valor que não dava azo ao riso ou à crítica.

12. Deve ser um lenço guarnecido de rendas delicadas que servia para as damas esconderem e enfeitarem o colo (Furetière). Os decotes femininos eram ainda muito generosos, segundo a tradição da Renascença e da Idade Média.

13. *Lês Fleur dês viés dês Saints*, do jesuíta espanhol Ribadeneira, apresentava em sua tradução dois grossos in-fólios, tão próprios quanto o *Plutarque* de Chrysale para prensar rendas convenientemente.

14. Esse pouco entusiasmo de Elmire em receber seu marido é, talvez, a característica de um primeiro *Tartufo*, na qual Elmire se parecia com a Angélique de *George Dandin*. No *Tartufo*, Elmine, esposa irrepreensível, é geralmente desculpada por causa de seu estado de saúde. “Ela sofreu uma sangria na véspera, tem pressa de retornar à casa, é inverno, faz frio”, diz a Senhora Dussane. Cumpre suas obrigações “até o escrúpulo” *(Lettre sur l’Imposteur)*; eis por que acompanha à porta sua sogra, mas sem zelo inútil; eis por que, não tendo sido notada por Orgon, vai esperar em casa esse esposo idoso que lhe é indiferente e que não liga para ela.

15. A edição de A. Santelet et Comp., *Oeuvres complètes de Molière (Édition revue sur lês textes originaux)*, Paris, 1825, divide o ato I em seis cenas e não em cinco. A cena aqui omitida é a número IV e comporta apenas as falas de Damis e Dorine. (N. do E.)

16. Luís XIV teria, em 1662, lançado essa exclamação ironicamente à narrativa de um repasto copioso de Hardouin de Péréfixe, futuro arcebispo de Paris. Molière, dessa repetição mecânica, tira um efeito de teatro e marca bem o caráter do personagem.

17. Aqui, segundo a *Lettre sur l'Imposteur,* há "belo trocadilho acerca do sentido dessas palavras: é um homem... Panulphe é realmente um homem, quer dizer, um velhaco, um patife e um animal muito perverso, na linguagem da comédia antiga".

18. Essas palavras encontra-se na *Imitação de Cristo.*

19. Os confrades do Santo Sacramento advetiam os maridos dos deslizes de suas mulheres.

20. Conta-se que São Macário, o Grande, ou o Antigo, falecido em 390, eremita durante sessenta anos na Tebaida do Egito por ter matado uma pulga, jejuou durante seis meses, nu, no deserto. O que seria admirável num eremita torna-se ímpio ardil num grande comedor de picadinho e dá lugar a uma néscia admiração da parte do homem abobado que se deixa enganar pelas aparências.

21. Devotos que exibem na praça pública.

22. Bossuet afirma o mesmo: "Cuidem em não querer ser mais sensatos do que o necessário; mas em serem sensatos sóbria e moderadamente".

23. Isso prepara o jogo da ato III, cena IV.

24. Essa argumentação de Dorine teria sido dita, em 1667, por Cléante e comente no IV ato.

25. Uma tradição do teatro quer que, aqui, Dorine, por meio de gestos, designe o próprio Orgon. Parece que isso era um erro de psicologia, pois, no terceiro *Tartufo*, Orgon não era um marido enganado.

26. A influencia dos astros sobre seu destino.

27. Dorine, atrás de Orgon, encoraja Mariane a resistir, e imobiliza-se assim que Orgon se volta para ela.

28. O bailio administrava a justiça. O juiz eleito (primitivamente eleito pelos Estados Gerais) julgava certas questões de imposto.

29. A hierarquia dos assentos era muito restrita (poltronas, cadeiras, cadeiras-dobradiças com encosto, tamboretes, cadeira-dobradiça). A cadeira-dobradiça era reservada às pessoas de última categoria.

30. Istoé, os vinte e quatro violinos de câmara do rei.

31. Célebre macaco amestrado.

32. Segundo a edição de 1682, trecho, de “Mas, quanto a vocês...” até “que não diga ‘sim’”, eram suprimidos na representação.

33. Elmire é a segunda mulher de Orgon.

34. Essa cena de despeito amoroso, que faz perpassar por essa peça pesada um sorriso de mocidade, foi particularmente louvada na *Lettre sur l’Imposteur,* por sua verossimilhança. Ela nasce “divinamente, perante os espectadores, da delicadeza e da força da própria paixão”. A perturbação de Mariane é sua causa primeira, assim como essa tendência à suscetibilidade, herança de Orgon a seus filhos. Mas o duo dos apaixonados não tem a graça feliz que se nota em *Lê Dépit Amoureux.*

35. Damis, que se preparava para sair, penetra furtivamente no pequeno gabinete, a que aludimos no inicio do ato II.

36. Na edição de A. Sautelet et Comp., *Oeuvres complètes de Molière (Édition revue sur lês textes originaux)*, Paris, 11825, não aparece o nome de Laurent – “Tartufo se dirige a ele, que se acha dentro de casa, logo que percebe a chegada de Dorine”. (N. do E.).

37. O *cilício* (em francês, *la heire*) é uma camisa de crina; a *disciplina*, um chicote. Tartufo só aparece em cena depois de ter sido devidamente retratado, pelas pessoas da casa, Não é possível nenhum equívoco, e ninguém pode acreditar, parece, que esse grosseirão, “gorducho e untuoso”, de orelhas vermelhas e tez viçosa, se modifique.

38. A visita aos prisioneiros é uma das atividades dos confrades. A imodéstia no trajar é também uma de suas preocupações.

39. Tartufo, feliz com a surpresa, trai-se ligeiramente.

40. Tartufo empurra sorrateiramente a cadeira para bem perto de Elmire

41. Aqui há uma paródia de um verso de Corneille em *Sertorius: Ah! pour être romain, je n'em suis pás moins homme* (verso 1. 194).

(Ah! por ser romano, não deixo de ser homem.)

42. Todo esse trecho está entremeado de termos de devoção mística (cf. *nada, suave maravilha,* etc.).

43. Estranha evasão. Elmire, que se colocara numa situação um pouco falsa, recua por conveniência, sem acusar Tartufo abertamente.

44. Esta cena talvez tenha sido inspirada por *Lês Hypòcrites* de Scarron.

45. Orgon caiu de joelhos ante Tartufo e apertou-o nos braços. O esboço desse magnífico jogo de cena cômico foi empregado em *Lê Dépit Amoureux* (ato III, cena IV). Mas, quatro anos após a morte de Molière, quando Racine se reconciliou com Arnaud, os dois homens caíram também de joelhos, um em frente do outro, e se abraçaram. Esse encontro de teatro e da vida permite entrever aquilo que dá temível força à hipocrisia.

46. Na realidade, Tartufo conserva-se perfeitamente imóvel.

47. De acordo com uma tradição que data de Baron, Molière teria escrito anteriormente:

O Ciel! Pardonne lui comme je lui pardonne.

O Céu! Perdoa-o como eu o perdôo.

Depois teria moderado esse eco demasiado evidente do padre nosso.

48. Distinção sutil entre o perdão do coração e o da conduta.

49. É o método de “direção de intenção” que consiste em procurar alcançar um fim confessável por meio de um procedimento de moral equívoca.

50. É esse o verdadeiro tom da tragédia.

51. Elmire é irmã de Cléante; possui, pois a mesma doçura e a mesma reserva.

52. Esse jogo de cena tem a truculência da farsa gaulesa: Orgon, cristão sincero, mas enganado por um patife, está aqui seguramente numa posição ridícula. Molière teria ficado espantado se visse, na encenação que Jouvet faz para seu *Tartufo* luciferiano e macilento, um Orgon pôr-se de quatro com tanto desembaraço, como se tivesse feito isso a vida inteira. Esse burguês pesado deve introduzir-se grotescamente em seu esconderijo.

53. Elmire é obrigada a admirar-se ante a longa e silenciosa imobilidade de Tartufo.

54. A ambigüidade do falar de Elmire reflete talvez seu crescente acanhamento.

55. Esse trecho pode ser encontrado, com algumas variações, no *Dom Garcie de Navarre.*

56. Cf. Pascal, *VIIème Provinciale*: “Nossos padres.... contentam o mundo permitindo as ações e satisfazem o Evangelho, purificando as intenções”.

57. Os cartuchos de bombons são mais familiares a Tartufo do que o cilício e a disciplina.

58. Esse lance teatral é sublinhado por um jogo de cena cuja tradição parece antiga: Tartufo toma a capa e o chapéu e se dirige para a porta, quando foi desmascarado, e só a justiço real poderia vencer-lhe a resistência.

59. Aqui se evidencia o grande celerado, que ainda fala dos interesses do Céu quando foi desmascarado, e só a justiça real poderia vencer-lhe a resistência.

60. Orgon assinou um contrato de doação à parte, sem incluí-lo no contrato de casamento de Tartufo e Mariane.

61. É o expediente da restrição mental (cf. Pascal, *IXéme Provinciale*).

62. Tartufo, pensa Cléante, agirá por pessoas interpostas, graças à organização da Cabala. Se agisse diretamente, como observa Elmire, sua ingratidão demasiado visível levá-lo-ia ao descrédito.

63. Há algum tempo, um personagem inquietante abriu a porta discretamente; está sordidamente vestido e, tal como Tartufo, intercalará sua conversa com expressões devotas (“cara irmã”).

64. Diziam que a Normandia era o lugar ideal para os desmandistas e chicanistas.

65. No original, *huisseier à verge* (meirinho de vara), porque tanto esse como os sargentos carregavam uma vara com que tocavam os que deviam ser autuados.

66. No original, *exploit*, o ato judicial de penhora.

67. *Ordonnance*, em francês, decisão do juiz, que dá causa ao *exploit.*

68. No original, aparece um trocadilho com o nome do Senhor Loyal (Leal) e o adjetivo *déloyal* (desleal). (N. do T.).

69. 69. Esse trecho até o fim dessa cena foi suprimido na representação.

70. Esse lance teatral é, nessa representação, de notável efeito, mas sem qualquer verossimilhança. O oficial *exmachina* discorre longamente e obscuramente (*ele* ora representa o rei, ora Tartufo). Molière aqui desobriga-se de uma dívida para com o príncipe que o apoiou nessa luta. Jouvet, para preservar esse final de tanta sensaboria, acentuara o efeito de surpresa, com invenções de *music-halli*; o fundo do cenário sinistro e jansenista de Braque desaparecia. No topo de uma escada iluminada, sob um enorme perfil de Luís XIV, tornavam seis magistrados de púrpura, e dois oficiais discorriam, revezando-se nesses ditos pesados. Essa brusca mudança desconcertava bastante inutilmente sem a tornar mais leve.

Fonte:

<u>O Tartufo</u>, de Molière. Editor Victor Civita – Abril Cultural. São Paulo, 1976.

TARTUFO:

Fingido, impostor, hipócrita, falso, cínico.

Segundo Dicionário Houaiss:

Substantivo masculino:

1. Indivíduo hipócrita:

Ex.: a adulação é própria dos t.

2. Beato enganador.

Etimologia:

antr. *Tartufo*, personagem hipócrita da peça *Tartuffe*, de Molière, orign. Jean-Baptiste Poquelin (1622-1673, dramaturgo francês); f.hist. 1858 *tartúfo*

Molière

(Jean Baptiste Poquelin, 1622-1673)

"Cada francês traz ao nascer uma revelação de Molière; uma constituição 'molieresca' que lhe vem não apenas desse criador, de uma natural hereditariedade – que coloca igualmente cada criança falando francês na descendência de Rabelais, Montaigne ou Descartes -, mas ainda do fato que, depois de quase trezentos anos, não há um só dia onde, em alguma parte da França, não se professe, pronuncie, declame ou se represente um texto de Molière..."

(Louis Jouvet)

O século XVII: príncipes e donzelas vivem o esplendor da corte do Rei Sol; a moda é feita de cores e cetins; Watteau pinta cenas campestres e idílicas; os burgueses invejam o fausto da nobreza palaciana e guardam dinheiro e poder para a revolução que virá um século depois; o povo mergulha cada vez mais na miséria; Versailles é finalmente concluído. A corte se diverte.

Em 1670, no castelo de Saint-Germain-en-Laye, os nobre vibram com a apresentação de mais uma comédia palaciana de Molière, o comediante do rei: Os Amantes Magníficos. Em 1671, As Sabichonas leva o público a rir mais uma vez da literatice dos salões literários da corte.

E no fim desse ano, no Palais-Royal, As Artimanhas de Scapino aproxima Molière do gênero ligeiro e movimentado da Commedia dell'Arte. Mas em fevereiro de 1673, já tuberculoso e incurável, Molière tem um ataque de hemoptise em cena aberta, ao representar o papel principal de O Doente Imaginário.

O público imagina tratar-se de mais uma interpretação brilhante do grande ator e não mede o riso. Assim, enquanto Molière se curva de sofrimento e perde sangue pela boca, a platéia aplaude estrondosamente.

O pano cai e o comediante é levado, moribundo, para sua casa na rua de Richelieu, onde Armande, a esposa que o abandonara anos antes, fecha-lhe os olhos para sempre.

Nenhum padre encomenda sua alma – Molière é um comediante e a Igreja não permite cerimônias fúnebres para comediantes. Armande, desesperada corre até o palácio e implora ao rei uma sepultura cristã para Molière.

Luís XIV pede ao arcebispo que abra uma exceção. O apelo é atendido, mas com algumas condições: o poeta será enterrado no cemitério Saint-Joseph,

‘fora das horas do dia’ e no local reservado aos suicidas e as crianças sem batismo.

Embora sem reza e sem coroa, Molière morreu como sempre quis: no palco, representando a sua última comédia e fazendo a platéia rir.

UMA VOCAÇÃO DIABÓLICA

Jean Baptiste Poquelin nasceu a 15 de janeiro de 1622, na cidade de Paris. Órfão de mãe, aos doze anos foi enviado ao colégio de Clermont e depois para Orleans, onde se formou advogado. Mas, uma vez licenciado, jamais voltou a tocar nas leis e, embora contrariando o desejo da família, escolheu outro ofício, que para muitos era invenção do diabo: o teatro.

Jean Baptiste Poquelin poderia Ter seguido a profissão do pai, ‘tapeceiro ordinário do rei’, ou qualquer outra que não ator de teatro. Mas uma forte vocação arrastou-o para o palco. E ali ele viveu toda sua vida.

Há várias versões para explicar o motivo dessa opção por uma profissão cheia de sacrifícios: pacto infernal, paixão por uma atriz famosa da época (Madeleine Béjart) ou simplesmente vontade de se opor à família, que repudiava o teatro. Mas o fato é que Jean Baptiste Poquelin desde muito cedo freqüentou platéias, aplaudiu ou vaiou desempenho de atores, vibrou como se aquele mundo lhe pertencesse de maneira inalienável.

O grande escândalo familiar aconteceu quando o jovem Poquelin, abandonando definitivamente qualquer possibilidade de exercer a profissão de advogado, decidiu fundar com Madeleine Béjart um grupo teatral, o *Illustre Théâtre*.

Unidos a outros atores, também principiantes, Jean Baptiste e Madeleine estrearam em 1644. O público, porém, não se interessou pelo trabalho do novo grupo. E, com a platéia vazia, o *Illustre Théâtre* amargou seu primeiro fracasso. Como estava em moda a tragédia nos moldes clássicos, o grupo não poderia escapar a esse tipo de repertório: Corneille, du Ryer e Tristan l'Hermite. Mas, não podendo competir com as companhias profissionais - que, além da longa experiência, viviam sob o mecenato da aristocracia -, a empresa não conseguiu público suficiente para prosseguir e fazer carreira.

O ano de 1644, além de assinalar a primeira derrota artística do grande gênio da comédia, é o momento em que ele utiliza o pseudônimo "Molière" pela primeira vez.

Alguns biógrafos acreditam ter Jean Baptiste Poquelin mudado de nome por exigência da família. Outros alegam um motivo bem mais condizente com o caráter irreverente do autor: Molière era o nome de um vinhateiro amigo de Jean Baptiste, que abastecia periódica e gratuitamente a adega do *Illustre Théâtre*.

Possivelmente o comediante adotou seu nome para homenagear o simpático doador de vinhos.

Em 1645, Molière se vê obrigado a liquidar o fracassado *Illustre Théâtre*. Preso por insolvência, sua fama em Paris passou a ser de um caráter irresponsável, incapaz de pagar dívidas e respeitar credores.

A história não registra o nome do fiel amigo que, pagando sua fiança, devolveu-lhe a liberdade O importante é que nem a vergonhosa prisão, nem o desastroso *Illustre Théâtre* esmoreceram sua paixão pelo palco.

E, já que Paris não lhe oferecera as condições necessárias para o sucesso, Molière decide explorar a província francesa. Ele e Madeleine Béjart unem-se ao grupo de Charles Dufresne, formado por atores principiantes, e empreendem uma excursão de treze anos pelo interior.

Poucos anos antes de terminar a excursão, Molière toma a decisão que mudaria seu destino como artista: dedicar-se também à comédia. Fazer rir as pessoas para delas extrais um novo tipo de comunicação, menos pretensioso do que o despertado pelo teatro clássico francês.

FAZER RIR AS PESSOAS HONESTAS

No século XVII a comédia era considerada um "gênero menor", simples brincadeira de amadores. Ao contrário da tragédia, que, além de atingir o público, abria aos atores a possibilidade de alcançar fama, a arte de fazer rir não tinha conseguido angariar prestígio entre os artistas mais importantes.

Mesmo assim havia cômicos famosos, como os da companhia italiana Scaramouche, por exemplo. Mas a tragédia, além de prestígio, conferia aos que interpretavam uma maior grandeza e apoio do mecenato. Molière representou várias tragédias ao longo da excursão pelas províncias francesas, mas só alcançou o brilho de um ator completo quando optou pela comédia.

Percebendo sua inegável veia para a farsa de costumes, para provocar o riso e, por meio deste, despertar reflexões críticas sobre a vida social, ele foi pouco a pouco se descartando dos papéis trágicos e assumindo a comicidade. Depois de experimentar os mais variados tipos de público, conhecer os cômicos italianos e interpretar um número enorme de personagens, Molière sentiu que o seu destino como homem de teatro era "fazer rir as pessoas honestas", observando os vícios humanos, os costumes degradados, a farsa de uma moral em transição.

No palco, o grande ator atingiu pontos altos em sua carreira representando comédias alheias e extraindo delas efeitos imprevistos por seus autores. Assim, exercitou de tal forma a mímica hilariante que um novo desejo passou a incitar a sua incansável criatividade: o de escrever comédias.

Comandando gradativamente o rumo das cenas que interpretava, o caráter das personagens e os temas expostos no palco, Molière tornou-se o autor de suas próprias comédias. Em 1655 escreveu *O Estouvado (L'Étourdi);* em 1656, *O Despeito Amoroso (Le Dépit Amoureux).*

Manejando com perfeição o elemento cômico, adquirira como o ator o domínio total da estrutura de um texto. Por isso, suas duas primeiras obras não apresentam os costumeiros descompassos de quem inicia como dramaturgo, mostrando uma incrível maturidade no ritmo das cenas e no encadeamento dos diálogos. Estes, vivos e curtos, prendiam o espectador do começo ao fim do espetáculo. As cenas, bem amarradas, mantinham a necessária tensão para uma peça dramaticamente convincente: o resultado era o riso quase contínuo e os aplausos.

O grande e rápido sucesso da dramaturgia de Molière deve-se ao fato de além de ser fervoroso leitor e espectador, ele colocava como centro de gravidade do teatro a presença do ator. Quando escrevia, era no ator que pensava – seu jogo de cena, suas expressões, as nuances de sua voz.

A harmonia entre o texto e os intérpretes possibilitou-lhe não só a colaboração de comédias perfeitas do ponto de vista da estrutura cênica, como também a dinâmica hilariante dos diálogos, retratando o cotidiano de um século onde imperava a falsa elegância e a hipocrisia.

Molière inspirou-se, inicialmente, nos modelos da *Commedia dell'Arte*, gênero popular do século XVI, que extraía da caracterização dos personagens efeitos cômicos imediatos. Esse gênero de teatro dependia fundamentalmente da figura do ator e de sua capacidade de improvisar diante de uma platéia diversificada. O texto, dessa forma, era uma presença apenas indicativa. Colocado em cena, o ator desenvolvia, por meio dos diálogos e da mímica, as características de cada tipo: Arlequim (bufão simples e arguto); Pantaleão (comerciante esperto); Doutor (médico acadêmico e pedante); Briguela (bufão mais astucioso que o Arlequim); a criada; o enamorado; etc. Estas e inúmeras outras personagens fizeram da *Commedia dell'Arte* um dos gêneros teatrais mas populares de Itália e da França.

Profundo admirador desse tipo de espetáculo, Molière aproveitou seus recursos de leveza e improvisação, acrescentando uma crítica e mordacidade inéditas na comédia francesa.

O Estouvado e *O Despeito Amoroso* alcançaram o objetivo procurado: aplausos e apoio da corte. Assim, em 1653 Molière consegue o patrocínio do Príncipe de Conti e, em 1657, o do Duque D'Epernon, governador da Borgonha. Nessa época o comediante já é uma personalidade famosa. Já pode, inclusive, pagar suas dívidas. Mas seu sonho ainda é conquistar Paris; só que agora deseja conquistá-la pelo riso.

Em 1658, depois de rondar a capital francesa para verificar as reais possibilidades de instalação do seu grupo, ousa estrear na sala de guarda do Louvre com a comédia*Doutor Amoroso (Docteur Amoureux)* e a tragédia *Nicomède,* de Corneille.

A corte se encanta com o hilariante grupo de Molière e Madeleine Béjart. Luís XIV, que assistira aos espetáculos, destina-lhes o *Petit Bourbon*. Ali, a 2 de Novembro do mesmo ano, o elenco se apresenta, com sucesso, ao público que treze anos antes o desprezara. Paris se rende finalmente a Molière.

Em 1669, *As preciosas Ridículas (Les Précieuses Ridicules)* escarnece os burgueses deslumbrados com a cultura dos aristocratas e mostra como os comerciantes da província – ignorantes e ingênuos – desejavam adquirir o requinte e os meneios falsamente elegantes dos fúteis salões de Paris. A comédia provocou estrondosas gargalhadas do público, mas trouxe para Molière a antipatia da deslumbrada burguesia, que se sentiu agredida pelo retrato implacável que ele pintara.

A peça inaugurou na vida do comediante uma nova fase: a da crítica de costumes. Mas angariou também uma corrente contrária de opinião, principalmente por parte dos que se recusavam a virar ridículas amostras de vida, desnudadas em cena.

Com essa nova dimensão crítica, a comédia francesa ganhou outra posição entre os gêneros teatrais. Fazendo uma análise dos erros humanos, ela deixava de ser considerada "um gênero menor" e ingressava no rol das grandes manifestações artísticas, com a mesma dignidade das tragédias clássicas.

O artificialismo, os interesses mesquinhos que geralmente regem as relações humanas, o desejo de ascensão social a qualquer preço e a ganância pelo dinheiro serão desvendados por Molière nas cortantes tramas de suas comédias.

O amor também se fez presente. Um amor vilipendiado, que servia como simples instrumento de negociações espúrias. Em seu nome, as "donzelas casadoiras" eram transferidas como propriedades, para seus varões. E o casamento servia como instituição destinada a unir famílias que, por motivos financeiros ou desejo de galgar títulos nobres, desejavam fundir-se.

Além da mordaz crítica social, outra característica colocou a comédia de Molière na vanguarda artística da época: a notável caracterização psicológica das personagens, revestidas de toda a sua complexidade. E por vezes Molière vai tão a fundo nas delicadas tessituras da alma humana que suas personagens assumem dimensões trágicas. Foi o caso de *Don Juan*.

Molière inaugurou, assim, na comédia uma nova abordagem da personagem: enveredando pelos bastidores da alma de cada um, mostrou que a verdade

íntima das pessoas frente às contradições da moral, que a todos pretende impor sua forma.

E, pela cômica verdade estabelecida como princípio em suas peças, Molière passou a receber críticas e ataques violentos de vários setores da sociedade, agora mobilizados contra o escritor de forma bem mais aguda que no início de sua carreira.

Burgueses em escalada para a riqueza, nobres decadentes, donzelas casadoiras, varões enamorados, esposas incompreendidas, maridos humilhados, beatos hipócritas e médicos sem consciência – não havia quem não fosse denunciado pela pena sarcástica do comediante. Fazendo rir, o dramaturgo fazia pensar. E suas palavras tinham o poder de uma arma.

Contemporâneo de Molière, De Visé afirmou: "É um comediante dos pés à cabeça. Parece ter várias vozes. Tudo fala nele, e com um passo, um sorriso, um piscar de olhos e um movimento de cabeça, faz conceber mais coisas do que o maior falastrão em uma hora..." Era de fato o riso encarnado em gente.

Quando, em 1660, apareceu no papel de Sganarelo, em *Sganarelo ou o Cornudo Imaginário (Sganarelle ou Le Cocu Imaginaire),* a reação do público foi quase convulsa. Do começo ao fim da encenação, Molière teve que interromper várias vezes as falas para esperar o público rir. Esse fato fez com que Sganarelo se tornasse seu personagem predileto e ressurgisse em várias obras posteriores: *Escola de Maridos (École des Maris, 1661), O Casamento Forçado (Le Mariage Forcé, 1664), Don Juan (1665), O Amor Médico (L'Amour Médecin, 1665) e Médico à Força (Médecin Malgré Lui, 1666).*

Variando de caráter em cada novo texto do autor, Sganarelo aparece em *Don Juan* como a personagem representativa de uma burguesia de mente estreita, medrosa diante de qualquer mudança, defensora incondicional dos valores estabelecidos.

INTERDITADO PELA CENSURA

Se *Escola de Mulheres (École des Femmes, 1662) e Escola de Maridos* – textos onde Molière defendia uma educação liberal – causaram-lhe repúdio dos burgueses moralistas, *O Tartufo (Le Tartuffe, 1664)* foi a peça que mais problemas enfrentou.

O ano em que ela foi escrita foi o mais sofrido na vida de Molière. Em janeiro nasceu seu primeiro filho, que faleceu em novembro do mesmo ano. E no curso desse trágico período, Armande Béjart, esposa do escritor, traiu-o com vários homens – o que tornou Molière um marido difamado.

Em janeiro estreava com sucesso no Louvre a peça *O Casamento Forçado*, e em abril a comédia-balé *Princesa Élida (La Princesse d'Élide)* divertia a corte de Versalhes. Mas no dia 12 do mês Molière recebia o mais duro golpe de sua vida como escritor: a interdição de *O Tartufo* pela rainha mãe, Ana da Áustria, incitada pelos "fiéis" nobres a quem ela se ligava.

Em novembro de 1664, sob o angustiado luto da criança que perdera, Molière escreve sua Segunda obra-prima: *Don Juan*, baseada num tema já utilizado pelo espanhol Tirso de Molina (1538-1648). Mas, acusado de complacência para com o famoso libertino, ele vê a peça interditada em 1665, logo após a brilhante estréia de fevereiro.

A moral das aparências não poderia permitir que o personagem fosse retratado como um ser de carne e osso, sujeito a contradições humanas e mesmo filosóficas. Ele deveria ser mostrado como um homem apenas desprezível – e quem fizesse o contrário merecia punição. Molière foi punido, justamente por apresentar um Don Juan fruto das convulsões morais de uma época onde ninguém queria se ver tão decadente quanto de fato era.

Desafiando permanentemente a moral, a sociedade e a religião, o Don Juan de Molière é uma espécie de marginal do "stablishment". Ao caracterizar a personagem, Molière torna secundária a sua reputação de insaciável conquistador de mulheres, atribuindo à sua permanente insatisfação uma problemática metafísica. Assim, ele é um homem destinado a tudo conhecer e nada possuir.

Por essa visão revolucionária da personagem, Molière pagaria o preço da interdição. E o ano de 1664 se encerra com mais um doloroso episódio pessoal: Armande abandona-o para viver com Michel Baron, jovem ator a quem o escritor tratara como se fosse seu próprio filho.

Em 1666, separando-se oficialmente de Armande, escreve *O Misantropo (Le Misanthrope),* comédia amarga onde expõe os sofrimentos acumulados em sua vida conjugal: o personagem principal é quase autobiográfico. Alceste – este é seu nome – apaixona-se perdidamente por Célimene, que o rejeita. Para fugir do sofrimento e das mentiras da cidade, ele se refugia num local ermo bem distante de Paris, em busca da verdade que a cidade-luz já não podia oferecer.

"... Eu me enfureço e minha vontade é duelar contar toda a espécie humana", afirma Alceste no monólogo mais brilhante do texto. E foi duelando contra toda a espécie humana que Molière escreveu as três obras-primas que marcaram a história do teatro mundial.

Interditado pela censura do clero, abandonado pela esposa, em luto por um filho que nem um ano vivera, Molière continuou fazendo rir as pessoas honestas. E da própria desgraça se ergueu com a dignidade de um herói trágico.

No mesmo ano em que *O Misantropo* estreava com sucesso em Paris, Molière fazia mais uma incursão mordaz na sociedade, extraindo dela uma fatia muito especial para sua cômica análise: a classe médica. *Médico à Força* ergue em riso as platéias francesas e coloca mais um setor social contra Molière.

Mas, apesar das perseguições, no final de 1666 outra comédia-balé diverte a corte – *Mélicerte* -, e em fevereiro de 1667, *O Siciliano (Le Sicilien)*, obra do mesmo gênero, vai à cena com elogios da nobreza.

Nesse mesmo ano ele adapta *O Anfitrião*, um antigo tema de Plauto, e o apresenta em janeiro de 1668. Ainda em 1668 surge *George Dandin* e, no final do ano, *O Avarento (L'Avare)*.

Mas só em 1669 é *O Tartufo* liberada, para júbilo de seu autor que já desistira de duelar conta a censura.

AS ARTIMANHAS DE UM FALSO DEVOTO

Quando *O Tartufo* foi levada à cena pela primeira vez, um sacerdote, de nome Roullé, divulgou um panfleto acusando seu autor de "libertino, ímpio, diabólico", que ousara mostrar a Igreja de forma "ridícula e depreciativa". Roullé pedia, para o autor dos insultos, o sacrifício no fogo, "cujas chamas hão de ser-lhe o prenúncio das chamas do fogo do inferno".

A confraria do Santo Sacramento, por sua vez, fora taxativa: *O Tartufo* atentava mesmo contra a moral e os bons costumes, enxovalhando a dignidade das classes religiosas. Era, pois, correto queimar vivo seu autor, interditando para todo o sempre a obra demoníaca que ele tivera a ousadia de escrever.

Nos dez anos que se seguiram após o panfleto de Roullé, Molière tentou readaptar o texto de forma a não agredir o clero. Mas só em 1669 encontrou a solução definitiva no desfecho da peça: um enviado do rei faz as pazes entre a moral do clero e a moral do rei, servindo como um intermediário que salva o personagem Orgon da grande cilada do falso devoto.

Diante desse inteligente recurso, a peça sai da escrivaninha de Molière e é levada à cena com hilariante sucesso. Nem seu autor ardeu nas chamas do inferno, nem *O Tartufo* permaneceu na mira dos moralistas.

Tartufo é um beato fanático que se hospeda na casa de um rico burguês – o ingênuo e religioso senhor Orgon. Inicialmente humilde, Tartufo vai pouco a pouco dominando seu anfitrião por meio da farsa de um "espírito puro, devotado a Deus".

Fascinado pela aparente bondade de seu hóspede, Orgon lhe oferece a filha em casamento e lhe outorga todos os seus bens. A própria mãe de Orgon fica de tal forma fascinada pela "pureza de sentimentos" do hóspede que, mesmo

quando este é desmascarado, não admite sua expulsão do seio da família. Mas, quem é de fato o senhor Tartufo?

La Bruyère definiu a personagem de Molière como "um falso devoto que se apresenta como ateu quando o rei é ateu". Tartufo não é somente um hipócrita ambicioso, um beato de sacristia pronto a usufruir das facilidades que lhe oferece o burguês Orgon. Se assim fosse, teria esposado a jovem Mariane. Sua ambição é bloqueada pelo desejo de Elmire – mulher de Orgon -, o que faz dele uma figura mais patética e contraditória que a de um simples vilão.

Inicialmente Tartufo aparece como aventureiro disposto a tirar partido da admiração de Orgon. Preocupado em salvar sua alma, o burguês vê em Tartufo um ser puro, capaz de lhe obter a salvação eterna. No transcorrer da peça, porém, o falso beato deixa de ser um simples aventureiro para se transformar numa personagem complexa, plena de contradições. Segundo o crítico Sábato Magaldi, "embora Tartufo precisasse utilizar toda a liguagem hipócrita para aproximar-se de Elmire, a inclinação por ela representava a sua verdade secreta, contrária a todas as conveniências".

O comportamento contraditório de Tartufo faz com que atraia sobre si a indisposição quase geral da família Orgon: Elmire é arisca às suas investidas; Mariane o detesta; Damis, filho de Orgon, vê em Tartufo o retrato de um oportunista, reagindo impulsivamente contra ele; Dorina, a criada, o despreza e vê nele com sua "sabedoria popular", um impostor.

Mas Tartufo tem a seu favor a cega confiança do dono da casa e de sua mãe, a senhora Pernelle. Em meio aos antagonistas, Cleanto, cunhado de Orgon, surge como porta-voz do "bom senso", o "raisonneur" que exprime na peça "os valores racionais que Molière pretendia apoiar, chamando inclusive a atenção de Orgon para a circunstância de que vivem num reino e num tempo em que nada se consegue pela violência".

Orgon está como se possuído por Tartufo. Assim, ele enfrenta tudo e todos que estejam contra ele. Roger Planchon, diretor do Théâtre National Populaire, viu nessa relação traços de uma atração homossexual inconsciente. O crítico Décio Almeida Prado, contrário a essa interpretação, afirmou que "se a cegueira de Orgon é ou não produto de uma paixão homossexual, apenas seu psicanalista – caso existisse – poderia elucidar, já que o texto nada diz sobre suas motivações ocultas. O escândalo, para Molière, está no fato de alguém, em vez de pensar com a própria cabeça, entregar a outro homem o encargo de conduzir sua vida. Pior ainda: que se submeta, com tanta ingenuidade, a uma visão ascética da existência, distante das normas correntes da vida social e freqüentemente hipócrita. Daí a extraordinária importância da peça para a religião e as inflamadas críticas que recebeu, na época, de Bossuet".

O caráter ambíguo de Tartufo mereceu as mais diversas interpretações de diretores e atores que montaram a peça ao longo de trezentos anos. As encenações mais famosas foram as de Louis Jouvet (Teatro Athénee, Paris, 1950); Fernand Ledoux (Comédie Française, Paris, 1951); e a de Roger Planchon, levada pela primeira vez no *Théâtre de la Cité*, Villeurbanne, em 1962, com Michel Auclair no papel de Tartufo. No Brasil, Gianfrancesco Guarnieri (em versão levada em 1964 pelo Teatro de Arena de São Paulo e dirigida por Augusto Boal) e Jardel Filho (espetáculo dirigido por Antonio Abujamra em 1966) foram os intérpretes que mais se destacaram.

Para alguns, Tartufo seria vítima da moral das aparências. Queria desligar-se dos prazeres mundanos de maneira sincera, mas entre o "querer" e o "poder" existe uma angustiada distância. Para outros, Tartufo, calculista e dono de uma singular estratégia, teria traçado todos os seus objetivos visando a um único fim: tomar posse dos bens de seu anfitrião.

Seja como for, sincero ou calculista, homossexual ou simplesmente um beato mau-caráter, Tartufo fincou no século XVII o marco de uma implacável devassa na moral religiosa e deixou, na história do teatro mundial, o gosto feliz de uma comédia extraordinariamente bem feita.

(in *Tartufo*, de Molière – Coleção Teatro Vivo – páginas III a XX.)
Edição – junho de 1976 – Abril S.A. Cultural e Industrial, São Paulo.